

Município de Fafe
Divisão de Cultura e Turismo

Entrançados de Palha de Fafe
Caderno de Especificações para a Certificação

Fafe
2023

Ficha técnica

Organização

Câmara Municipal de Fafe

Produção Executiva

Paula Nogueira

Coordenação

Alexandra Soares

Redação

Joana Teixeira

Paulo Costa

João Nuno Machado

Pesquisa e Recolha de Imagem

Sílvia Fernandes

Joana Teixeira

Paulo Costa

João Nuno Machado

Jesus Martinho

Raquel Carvalho

Revisão

Sílvia Fernandes

Joana Teixeira

João Nuno Machado

Gonçalo Castro

Paulo André Soares

Índice

Introdução	4
I. Nome de identificação do produto e respetivo logótipo – indicação geográfica	5
II. Enquadramento histórico-geográfico da produção artesanal tradicional “Entrançados de Palha de Fafe”	6
III. Delimitação geográfica da área de produção	19
IV. Identificação e caracterização das matérias-primas e sua preparação.....	20
V. Descrição do modo de produção e características dos “Entrançados de Palha de Fafe”.....	25
VI. Condições de inovação do produto e no modo de produção	53
Anexos.....	56
Bibliografia	62
Webgrafia	63

Introdução

Em dezembro de 2022, a Câmara Municipal de Fafe iniciou o processo tendente à certificação dos Entrançados de Palha de Fafe.

O processo de certificação tem, numa primeira fase, a elaboração do caderno de especificações (documento que fundamenta o processo de certificação da produção artesanal a certificar, Art. 9º do Decreto-Lei nº 121/2015, de 30 de Junho). O documento que agora se apresenta e que regulamentará a implementação do processo de certificação através de uma IG – Indicação Geográfica “Entrançados de Palha de Fafe”, figura cuja atribuição compete ao INPI – Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Esta IG – Indicação Geográfica é composta por uma marca – símbolo – e por uma denominação.

O caderno de especificações identifica e caracteriza a produção “Entrançados de Palha de Fafe”, nomeadamente:

- Nome de identificação do produto e respetivo logótipo (marca de indicação geográfica);
- Referenciais histórico-geográficos que contextualizem a ocorrência e a continuidade da produção;
- Delimitação geográfica da área de produção;
- Identificação e caracterização das matérias-primas e sua preparação;
- Descrição do modo de produção e características dos “Entrançados de Palha de Fafe”;
- Condições de inovação no produto e no modo de produção.

Este caderno de especificações tem como objetivo evidenciar as características específicas dos Entrançados de Palha de Fafe, diferenciando de outros produtos artesanais semelhantes a nível nacional, seja a partir da sua história cultural, seja pelas técnicas e matérias-primas usadas na produção, que permitem demonstrar a sua genuinidade e carácter único.

Capítulo I – Nome de identificação do produto e respetivo logótipo – indicação geográfica

A Câmara Municipal de Fafe apresenta ao INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial, um pedido de registo de indicação geográfica nacional “Entraçados de Palha de Fafe”.

Trata-se de uma marca composta por símbolo e denominação, cujo logótipo será como a seguir se exemplifica (a cores, preto e branco ou negativo).



Capítulo II – Enquadramento histórico-geográfico da produção artesanal tradicional “Entrançados de Palha de Fafe”

O concelho de Fafe, integrado na Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal, localiza-se no norte do país, no distrito de Braga. Tem cerca de 53 528 habitantes (2004), uma área geográfica de 219,08 km², subdivide-se em 25 freguesias e faz fronteira a Norte pelos municípios de Póvoa de Lanhoso e Vieira do Minho, a Leste por Cabeceiras de Basto e Celorico de Basto, a Sul por Felgueiras, a Sudoeste por Vizela e a Oeste por Guimarães. Fafe situa-se num vale entre a Serra da Lameira, os Montes da Penha e outras montanhas, e pela sua morfologia correm o Rio Ferro, o Rio do Bugio e o Rio Vizela, que desagua no Rio Ave. A heterogeneidade paisagística é a nota dominante e é a transição mais visível entre o Minho e Trás-os-Montes. O solo é montanhoso a Norte, mas a Sul o terreno é fértil e favorável à agricultura. A nível de acessibilidades, o Concelho é servido por uma IC5 que liga Guimarães a Fafe e pela A7 que faz a ligação para Braga e Porto.

Denominado como Monte Longo à data do foral que lhe foi outorgado pelo rei D. Manuel, em 5 de Novembro de 1513, os primeiros indícios de povoados na delimitação do atual concelho remontam à pré-história, com uma incidência relevante na posterior Idade do Ferro, período do qual data o Castro de Santo Ovídio, um proeminente sítio arqueológico. Também o património arquitetónico da cidade é eclético e composto por edifícios de diversos períodos, desde exemplares do período medieval, como a Igreja Românica de Arões, classificada como monumento nacional, a um conjunto de palacetes e casas senhoriais datados do final do século XIX e início do século XX, que pautam a paisagem urbana da cidade com elementos arquitetónicos de destaque histórico. As potencialidades deste património arquitetónico, paisagístico e natural, são aproveitadas da melhor forma para atrair visitantes ao concelho. O artesanato local, o património edificado, os percursos pedestres, os espaços naturais e os museus que contam a história da cidade são marca de um concelho rico em tradições e diversidade cultural.

Os entrançados de palha de centeio, aplicados à confeção de chapéus, correspondem a uma prática artesanal de valor idiossincrático, aprimorada pela tradição, mas assente na necessidade inerente do Homem de se proteger contra a violência dos raios solares, no desenrolar das atividades agrícolas. O centeio, matéria-prima da arte dos entrançados, provavelmente originário da Ásia Menor, terá sido introduzido na Europa na primeira Idade da Pedra. A difusão deve-se à sua grande rusticidade, às poucas exigências que requer do terreno (inclusivamente desenvolve-se em solos arenosos) e à sua grande resistência ao frio. Além da utilização das espigas na panificação e da palha nas forragens para alimentação dos animais, esta é também utilizada para fabricar artesanato

de variado tipo. Segundo fontes escritas, o entrançado de palha já é conhecido no território de Fafe há séculos. Fruto das condições geográficas e climatéricas, o território de Fafe é propício à plantação do centeio, e já é referido em documentos do período da Idade Média., como nos pagamentos efetuados nas *Inquirições de 1220*:

Paróquia de Fafe: “...et dant inde terciam panis et lini et vini; et pro directuris singulas spatulas, et singulas *fagacias centeas* coctas, et singulos cabritos, et singulos capones cum x. x. ovis”¹.

Paróquia de Revelhe: “...et dant inde terciam panis et lini et vini [...] et pro directuris singulas spatulas, et singulas *fogacias de centeo* coctas, et singulos cabritos, et singulos capones cum x. x. ovis, et singulos medios bracaes, et si non habuerint spatulas dabunt ij. ij. gallinas pro spatula.”².

Séculos mais tarde, são as *Memórias Paroquiais de 1758* que nos dão conta da continuidade do cultivo de centeio um pouco por todo o concelho. Como refere José Viriato Capela, “*O centeio é ao lado dos milhos o outro cereal que vai praticamente referenciado para todas as paróquias. [O centeio] é também considerada (ao lado do milho) a cultura mais abundante, o que exprime a elevada importância desta cultura na economia fafense. Ela tem o seu habitat e a sua maior expressão nas paróquias mais altas e montanhosas, mas está de um modo geral ainda bem implantada por todo o território concelhio*”³. Alguns exemplos dessa dispersão do cultivo de centeio verifica-se nas paróquias de Travassós, Várzea Cova, Vila Cova:

Em Travassós: “*Os frutos que mais colhem os moradores são milho, centeio, algum trigo e azeite, vinho, feijão*”⁴.

Em Várzea Cova: “*Os fructos que dão as terras desta freguezia em mais abundancia hé milham, senteio e algum vinho*”⁵.

Em Vila Cova: “*Os frutos da terra que os moradores colhem em maior abundancia hé milham, centeo, e vinho e pouco azeite*”⁶.

1 PMH, Inq., p. 49.

2 PMH, Inq., p. 49.

3 José Viriato Capela, Fafe nas Memórias Paroquiais de 1758, pp. 48-49.

4 José Viriato Capela, Fafe nas Memórias Paroquiais de 1758, p. 238.

5 José Viriato Capela, Fafe nas Memórias Paroquiais de 1758, p. 242.

6 José Viriato Capela, Fafe nas Memórias Paroquiais de 1758, p. 247.

Consolidada a produção de centeio no território de Fafe como um dos cereais mais cultivados ao longo dos séculos, as fontes confirmam que a indústria da palha de centeio já se encontra perfeitamente destacada no século XIX. No ano de 1886, José Augusto Vieira, na sua passagem por Fafe, refere que “...*a gente mal repara na importância de Travassos, na sua industria de chapéus de palha tão largamente disseminada, e quasi até nas freguezias próximas, especialmente em VILLA COVA, que nos fica perto e na graciosa S. VICENTE DE PAÇOS, cujo campanário mal se divisa na collina fronteira, assoberbado pela vegetação que o rodeia*”⁷.

Décadas mais tarde, os jornais periódicos de Fafe dão-nos a conhecer algumas notícias sobre a produção e grande expansão do trabalho na palha, uma das quais referindo que “*entre nós, existem indústrias susceptíveis de grande expansão, como sejam a dos chapéus de palha, tachas, mobiliário, tanoaria, tecidos de linho e lãs que se empregam centenaes de braços*”⁸. E outra na seguinte forma: “*a indústria de chapeus, é susceptível de grande expansão, porque é um trabalho perfeito, bonito mesmo*”⁹. Todavia, o acesso à documentação de época permite-nos descobrir que a indústria da palha sofria também de diversos males, nomeadamente as condições de trabalho de quem a praticava. A remuneração dos trabalhadores era um dos principais problemas, como podemos ver em uma notícia de 1937, que nos dá conta desta dificuldade da seguinte forma: “*está a despertar interesse o problema de saber-se qual a melhor forma de assegurar remuneração condigna às pobres mulheres que trabalham na indústria doméstica dos chapeus de palha, e recebem pelo seu trabalho uma insignificancia tal que, se fizerem contas, nem chega para pagar o que gastam em petróleo, quando trabalham de noite, ao serão. E' evidente que a indústria em referência, pelo seu carácter doméstico, e pelas circunstâncias em que se exerce, não está nas condições de participar das regalias da lei para os Sindicatos Nacionais*”¹⁰.

A falta de regulamentação e as dificuldades desta indústria encontrava-se bem patente em outra notícia do jornal a Voz de Fafe, onde eram levantadas as seguintes questões: “*No concelho de Fafe, existe uma interessantíssima indústria caseira — a da trança de palha para chapeus que emprega alguns milhares de mulheres.*

Essas mulheres, não respeitam a lei das 8 horas de trabalho, pois até pelas estradas as encontramos, com volumes à cabeça, e a fazer trança. Vários negociantes, têm enriquecido com a indústria, porque são gananciosos, não pagam um preço justo.

No inverno, quando essas mulheres batém á porta dèsses sanguessugas, oferecem pelos chapéus preços verdadeiramente ridículos que as chapeleiras aceitam para com os miseros escudos

⁷ José Augusto Vieira, O Minho Pittoresco, 1886, V. 1, p. 577.

⁸ Jornal A Voz de Fafe, 26 de junho de 1937

⁹ Jornal A Voz de Fafe, 28 de agosto de 1937

¹⁰ Jornal A Voz de Fafe, 13 de novembro de 1937

poderem comprar pão para sustento dos filhos ou do marido que ficou em casa por falta de trabalho.

Como poderão estas mulheres agremiar-se? Formando o seu Sindicato?”¹¹.

Sobre a tradição da palha em Fafe já se desenvolveram vários trabalhos, que vêm consolidar a importância desta indústria no concelho, destacando-se os de Maria Palmira Pereira de 1952, Américo Lopes de Oliveira ou Alberto Correia. A investigadora, que desenvolveu um profundo estudo ao nível da etnografia no concelho de Fafe, refere que “*é esta uma das indústrias mais características do concelho e, das pequenas indústrias, talvez a que maior número de pessoas ocupa.*

A trança é feita de colmo molhado, que se traz em molhos muito pequenos, debaixo do braço esquerdo. No mesmo braço dependura-se a trança, à medida que esta vai crescendo e, quando a porção já é suficiente, vende-se às braças, para as freguesias onde se confeccionam chapéus, entre outras, Travassós - foco de actividade máxima -, Vinhós e Golães.

A confecção da trança parece uma brincadeira; um entretenimento proveitoso é-o, pelo menos, para algumas pessoas, porque, não exigindo grande ciência nem atenção, permite que nela trabalhe quem quer que seja, sem excluir crianças, mesmo dos dois sexos.

Destina-se sobretudo ao sexo fraco que, desde o levantar ao recolher, não dá repouso aos dedos.

Em algumas das excursões que fiz, particularmente pelo norte e centro do concelho, quase não vi gente ociosa. Pelo contrário, as raparigas e velhas estão tão afeitas à sua trança, que só quase a largam para tomarem as refeições. Ainda não tocou para a missa de fazer e já a ela estão agarradas. Nela vão trabalhando até à porta da igreja, onde provisoriamente a deixam, enquanto entram a rezar e, apenas saem, retomam a sua tarefa que não mais abandonam. Isso não obsta a que se entreguem a outras ocupações. E é assim mesmo. Guardam ou conduzem gado, transportam fardos, cestos ou feixes de crótchas ao mesmo tempo que entre os seus dedos fazem correr maquinalmente a trança. Outras vezes, a mãe faz-se acompanhar do seu filhinho mais novo, daquele que ainda não é capaz de a imitar neste trabalho, e leva-o até à fonte a vigiar o cântaro da água, para que o seu serviço renda e não tenha de ser interrompido. Tem-se divulgado tanto esta indústria que o número dos adeptos, sempre crescente, já se não confina apenas à parte setentrional do concelho, mas invade o centro em direcção ao sul. A gente nova prefere este modo de vida a todos os outros, porque, além de fácil, lhe permite conversar e deslocar-se pela aldeia, até à vila, sem prejuízo do rendimento do trabalho. Nas aldeias em que esta indústria está mais florescente, usam-se as «fazidas de trança», serões exclusivamente destinados a este serviço.

¹¹ Jornal A Voz de Fafe, 6 de novembro de 1937

Nos dias de feira, acorrem a Fafe aldeãs de todos os pontos do concelho que ai vêm abastecer-se e vender; a par dos produtos das suas Jaboiras, enormes rimas de chapéus de palha. Nem ali afrouxam o seu trabalho, continuando a interminável faina da trança, enquanto atendem ou procuram convencer algum freguês.

O concelho, não só fornece todo o país, mas exporta também frequentemente, para o estrangeiro, grande quantidade destes chapéus”¹².

Por volta da década de 70 do passado século XX, o consagrado Américo Lopes de Oliveira dá-nos conta da importância da indústria tradicional e familiar da palha em Fafe, acrescentando métodos de produção desde o início dos trabalhos na terra com o semear do centeio, até à produção final de diversos objetos, que não são só os chapéus de palha. “*É rico e tradicional o artesanato fafense por todo o seu extenso concelho, e que de algum modo ocupa muita gente em regime de sobrevivência. É um artesanato feito quase em família, e que vem de gerações em gerações. Mas, certamente, se vai perdendo, pois muito dele é já praticado em regime de tempos livres, e feito por mulheres de certa idade ou de moças que aguardam o seu primeiro emprego nalguma fábrica onde o rendimento e aplicação do seu trabalho tenha melhor compensação monetária. Talvez quem compre algum chapéu de palha para se resguardar do sol pino e quente por altura das praias, certamente não calcula que esse seu protector solar fosse feito nestas bandas de Fafe. Mas, ele é também atrevido embaixador no estrangeiro, pois é exportado para lá, possivelmente com o rótulo estrangeirado. Mas não são só executados os frescos chapéus de palha (de palha de centeio), as mãos destes incógnitos artistas fazem também tapetes, revestimentos para garrafas, ceiras para bebés, carpetes, esteiras, carteiras, um mundo de tanta coisa bela e agradável aos nossos sentidos. Há diversas técnicas na execução destes trabalhos quanto ao seu entrelaçamento, que poderá ser de 3, 4, 5, 6, 7, ou 8 pontas, e que eles dão pelos nomes técnicos de trancelim, tocas, peixeira, rendilhadas e escumilha.*

É com base num produto da terra que tem de ser semeado, com o solo previamente lavrado e estremado, anualmente, entre Setembro e Outubro; seguindo-se-lhe, outra fase, a da ceifa, que consiste no corte da planta, chamada “ferrâ” (Abril), passa depois pelo branqueamento (1ª e 2ª fases), depois, o seccionamento, que consiste no corte do caule, afim de se extrair a espiga, e daí o distinguirem-se as palheiras (grossas e finas), e a escolha destas, consoante as devidas espessuras, entrando depois, novamente, no branqueamento (3ª fase), aplicando-se na circunstância o vapor de enxofre, introduzindo para tal estas palheiras em caixas (tipo arca), indo a coloração para o que se lhe empresta a cor desejada, mergulhando-as (palheiras) em avantajados caldeirões, a que na gíria se dá o nome de “água de tinja”.

¹² Maria Palmira Pereira, Fafe, Contribuição para o estudo da linguagem, Etnografia e Folclore do Concelho, 1952, pp. 123-125.

Depois é que se executam os entrelaçados. A operação final é o cozimento das tranças ao chapéu ou ao trabalho que se deseja, que é feito, ou como antigamente, à agulha, presentemente à máquina de costura, a pedal ou mais modernamente, a motor. Há que distinguir os que fazem o entrelaçado e aqueles que depois cosem os chapéus ou os outros géneros de que dissemos acima. Os primeiros recebem salários de fome, os segundos auferem mais do dobro que é dado aos primeiros.

E as fazedoras de tranca nunca param de trabalhar; pois quando vêm ao mercado, em dias de feira, as quartas-feiras, as suas mãos quase movidas electricamente nunca cessam, porque conversam, riem, compram e também vendem o fruto do seu trabalho mas sempre com atenção à trança que executa. É uma nota muito típica e característica que elas emprestam ao frenesim do mercado, que é mais uma nota colorida da intimidade Cultural de um povo. Esta arte de trançar palha de centeio está implantada mais em Golães, mas também com forte implantação noutras localidades, tais, como, em Agrela, Serafão, Fareja, Fornelos, Revelhe (que exporta para o País), Estorãos, Passos, Freitas, Travassos, St.^a Comba, Oueimadela, Vila Cova e Vinhós”¹³.

A indústria da palha em Fafe é também referida por outros autores de nível nacional, tal como, Alberto Correia, conhecido etnólogo que refere que “o concelho de Fafe, no Baixo Minho, caracterizado por uma economia de teor agrícola e pastoril hoje subvertida por uma economia de matriz industrial, tornou-se, pelo menos desde finais dos século XIX, o maior centro português produtor de chapéus de palha cujo fulcro se concentrava nas freguesias de Travassós, Golães, S. Vicente, Vila Cova, Revelhe e Vinhós”¹⁴.

Dentro da técnica do entrançado, realça-se sobretudo a cestaria e a chapelaria. São muitos aqueles que por todo o concelho se dedicaram a confeccionar a chamada “trança”. Homens, mulheres e crianças, nas horas vagas, a falar na rua, indo às compras ou apascentando gados, entretinham os dedos a entrelaçar, com arte e paciência, as palheiras.

Atualmente, apenas algumas senhoras, ainda fazem a trança, que tem como comprimento 12 braçadas de pessoa adulta, num total de produção diária de duas ou três por dia. Estas mulheres são as chamadas “chapeleiras” e sem o seu trabalho preparatório não seria possível vermos os bonitos chapéus e outros artefactos que saem das suas ágeis e qualificadas mãos.

¹³ Américo Lopes de Oliveira, Fafe e o seu concelho, Fafe, pp. 337-339.

¹⁴ Correia, Alberto. As Tranças de Palha como as Tranças da Vida. In: Idades Entrelaçadas: Formas e Memórias das Artes de Trabalhar Fibras Vegetais. 2013. IEFP- Instituto do Emprego e Formação Profissional, I.P.



Imagem 1: *Entrançados de Palha de Fafe.*
Fonte: Manuel Meira



Jesus Martinho © Fotografia

Imagem 2: *Entrançados de Palha de Fafe.* *Fonte: Jesus Martinho*



Imagem 3: *Entrançados de Palha de Fafe.* *Fonte: Jesus Martinho*

A história atual

A comercialização dos chapéus de palha e dos outros artefactos está a ser feita, presentemente e na generalidade, através de intermediários ligados à distribuição de artesanato, que os colocam em diversos pontos do país. A venda é efetuada nas oficinas dos artesãos, onde os intermediários se deslocam para encomendar e levantar os artefactos, que depois comercializam em feiras semanais, feiras de artesanato, em estabelecimentos comerciais de artesanato, nas praias, nos centros históricos, ou seja num sem número de locais, seguramente, pelo dobro ou pelo triplo do preço pago ao artesão.



Imagem 4: Feira em Fafe na década de 50. Fonte: Autor Desconhecido

Os produtos manufacturados com os entrançados de palha de Fafe são vendidos para diversos locais do país, além do próprio concelho, designadamente, Guimarães, Barcelos, Lixa, Amarante, Mirandela, Peso da Régua, Torres Vedras, Lisboa, S. João da Madeira, Póvoa de Varzim, Algarve, Madeira e Açores¹⁵. Existem, ainda, alguns casos de emigrantes que levam este tipo de artesanato para venda nos seus países recetores.

Dos artefactos de palha que mais se vendem, são ainda os chapéus, sendo a época alta da procura o verão como é fácil de imaginar, os turistas e os veraneantes costumam comprar chapéus de palha, tanto para se proteger do sol das praias, como ainda pela motivação de ter uma recordação do local para onde se viajou. No entanto, com o espírito de revitalização da atividade, são confeccionados hoje em dia para uso doméstico diversos acessórios com cariz decorativo e utilitário, como especificaremos adiante.

¹⁵ Coimbra, Artur. “Os Chapéus de Palha e Outros Artefactos”. 1994. Fafe.



Imagem 6: Caixa em palha. Fonte: CLDS Fafe



Imagem 5: Cesta de criança em palha. Fonte: CLDS Fafe



Imagem 7: Base em palha. Fonte: CLDS Fafe

- Museu da Palha – Centro de Etnotecnologia e design de Golães

De referir ainda que em 2015 abriu, na freguesia de Golães, o Museu da Palha, composto por duas áreas: uma oficina de trabalho e uma sala de exposições. A sala de trabalhos poderá ser utilizada como local de estágio para estudantes do Ensino Superior da área de design, onde vão poder desenvolver projetos nesta área. Este museu é único no país, e retrata uma das principais atividades da freguesia, o cultivo e transformação da palha, tendo sido criado com o intuito de homenagear e revitalizar a arte dos entrançados da palha. É um espaço pedagógico muito importante independente das idades sejam crianças, jovens ou seniores.



Imagem 8: Museu da Palha. Fonte: Manuel Meira

- Oficina Criativa da Trança da Palha de Fafe

Em 2022 foi lançada a Oficina Criativa da Trança da Palha, inserida no âmbito do CLDS de Fafe, um projeto promovido pelo município de Fafe e executado pela Sol do Ave. Esta Oficina conta com a parceria de várias entidades, nomeadamente a Freguesia de Travassós, a Freguesia de Golães, a Junta de Freguesia de Fornelos, a Freguesia de Revelhe, a Unir Fafe, o Centro de Convívio de Revelhe e o Instituto de Design de Guimarães que tem por base um dos elementos mais significativos do património etnográfico do território de Fafe, os Entrançados de Palha de Fafe, é uma oficina de aprendizagem e produção de artesanato, aliando a tradição à inovação.



Imagem 9: Folheto da Oficina Criativa da Trança da Palha de Fafe

- Exposição "Conversar. Entre o Corpo e a Palha"

A 10 de março de 2023 foi inaugurada a exposição "Conversar. Entre o Corpo e a Palha" no Arquivo Municipal de Fafe em resultado da residência artística concebida pela canadiana Julie Lambert para a bienal Contextile 2022, em Guimarães, com a cooperação do Museu da Palha de Fafe e artesãs locais.



Imagem 10: Folheto da exposição

A iniciativa foi promovida pelo Município de Fafe, sendo o conceito e produção do projeto de Ideias Emergentes, co-financiado pela Direção-Geral das Artes. Esta mostra insere-se nas iniciativas ‘Experimentar o Têxtil’, realizadas no território do Vale do Ave, com o propósito de ligar as diversas realidades do têxtil entre si e ligar os públicos e as comunidades aos processos de criação em torno do têxtil. A artista Julie Lambert promoveu uma residência artística em palha, de 11 a 24 Março de 2023, em Fafe, durante duas semanas num contexto de co-criação com a comunidade de artesãos da palha do Concelho. O resultado artístico foi apresentado no Arquivo Municipal, num espaço justaposto à exposição, no dia 24 de março de 2023.



Imagem 11: Exposição "Conversar. Entre o Corpo e a Palha". Fonte: Manuel Meira

Durante a residência artística, Julie Lambert realizou dois workshops, tendo em vista o ensino e desenvolvimento da prática artística através da palha enquanto material. O primeiro foi direcionado a artistas e ao público em geral, e o segundo realizou-se numa escola.



Imagem 12: Primeiro workshop. Fonte: Manuel Meira



Imagem 13: Segundo workshop. Fonte: Manuel Meira

Em junho de 2023, os artesãos da palha foram à Escola Montelongo, com o projeto comunitário e educativo “As tradições vêm à escola”, que serviu de mote à atividade de encerramento do ano letivo dos alunos do 2º ciclo da Escola Montelongo de Fafe. Este encontro intergeracional entre o grupo de artesãos da palha e os alunos, promoveu a partilha e mostra direta do “saber fazer”, das histórias do passado e das formas de expressão características deste artesanato.



Imagem 14: “As tradições vêm à escola”. Fonte: Expresso de Fafe

Capítulo III - Delimitação geográfica da área de produção



Imagem 15: Localização de Fafe no País e mapa do concelho. Fonte: João Machado

Tem vindo a decrescer o número de pessoas e famílias que em Fafe se dedicam a esta modalidade de artesanato. Assim, dedicam-se essencialmente a este setor as pessoas mais idosas que sempre estiveram ligadas a esta arte. Tal como referiu, Maria de Fátima Nogueira, uma artesã de entrançados da Freguesia de Golães: *“Já esteve muita gente empregada na palha, mas quando começaram a abrir muitas fábricas, o povo fugiu todo para lá”*.

São assim as mulheres, a maioria em idade avançada, que vão mantendo esta arte secular, que já empregou muita juventude e muitos homens, nas diversas fases do ciclo do centeio. Há alguns anos atrás “não havia mãos a medir”, ninguém estava parado, porque a atividade era relativamente rentável. Muitos, nos intervalos das fainas agrícolas ou após saírem das fábricas têxteis, onde obtinham a remuneração principal, dedicavam-se à “palha”.

O entrançado de palha teve, ao longo dos anos, uma incidência permutável em diversas freguesias do concelho. Atualmente, destacam-se as freguesias de Travassós, Golães e Paços, embora ainda se registre a prática desta tradição noutras freguesias do concelho, tais como Revelhe, Agrela, Serafão, Fareja, Fornelos, Estorãos, Vinhós, Freitas, Queimadela, Vila Cova, S. Miguel do Monte, Pedraído, Arões Sta. Cristina, Cepães e Fafe. Esta dispersão da atividade pelas freguesias indicadas justifica que se adote todo o território do concelho de Fafe como área geográfica de produção.

Capítulo IV - Identificação e caracterização das matérias-primas e sua preparação

Antes do entrançado há diversas operações necessárias de percorrer e que se apresentam por fases, sendo: a sementeira; a ceifa; o branqueamento da “ferrã”; o corte e seccionamento do caule da “ferrã”; o branqueamento das “palheiras”; a escolha; o branqueamento com enxofre; o demolhar a “palha”; a coloração.

O ciclo do centeio: da sementeira ao entrançado

- A sementeira

A sementeira é a operação que consiste em lançar a semente à terra, para que possa germinar. O solo deve ser previamente lavrado e estrumado. Lançadas as sementes, são cobertas com terra, que depois é removida com a grade.

A sementeira ocorria por volta dos meses de Setembro a Outubro¹⁶, contudo, atualmente, semeia-se na semana dos “Santos”¹⁷, o que leva a que a ceifa atrase também um mês¹⁸.

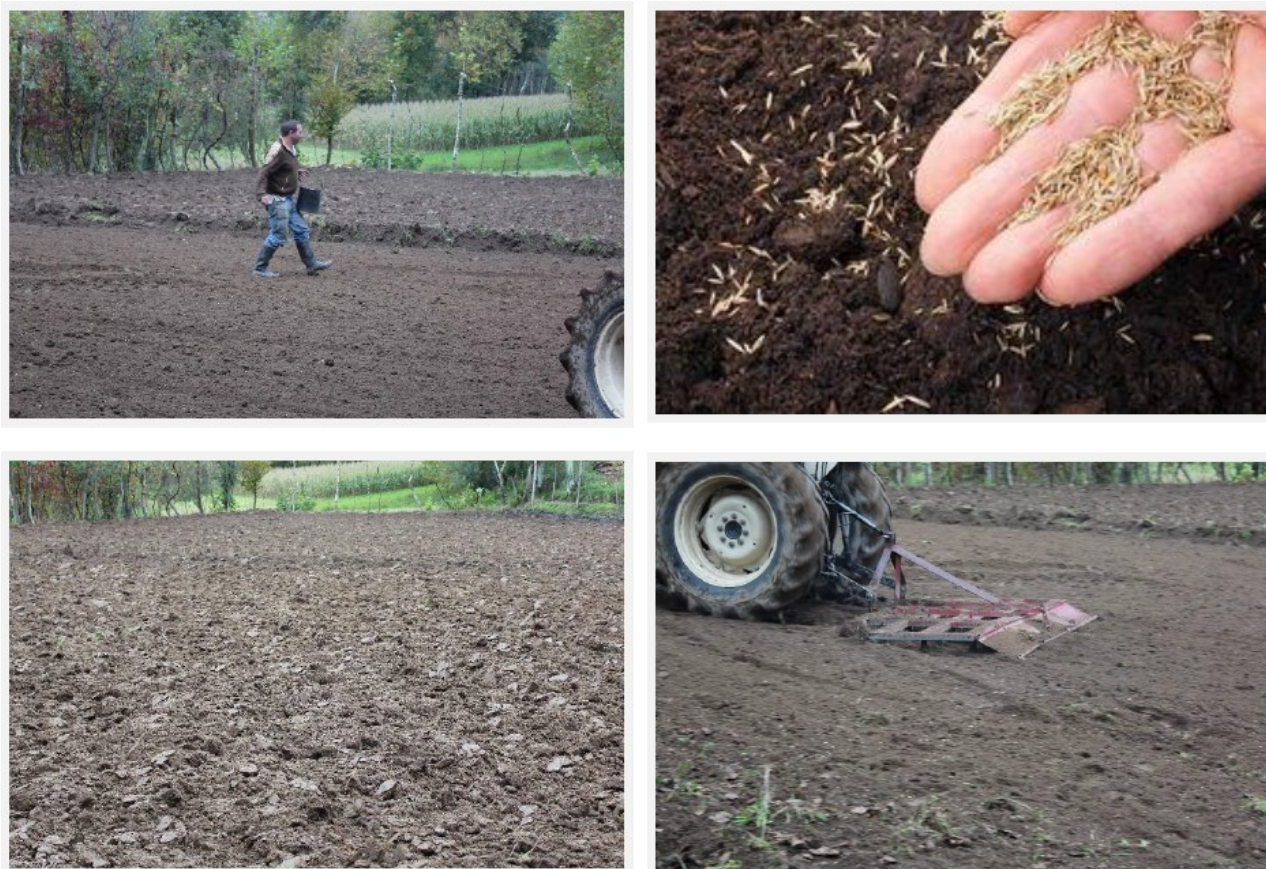


Imagem 16: Sementeira. Fonte: *Silvia Fernandes*

- A ceifa

A semente, ao germinar, dá origem à nova planta, que assim nasce e cresce, sem cuidados especiais. Por altura do mês de Maio (anteriormente Abril), com a espiga ainda verde, está pronta para a ceifa, que consiste no corte da planta, rente ao solo, com uma foice. Nessa fase de crescimento, a planta de centeio tem a designação de “ferrã”. A razão do corte da planta nesta altura e não quando totalmente madura, deve-se ao facto de interessar apenas o seu caule e não o fruto, e também por ter alcançado o tamanho de adulta.

Alguns dos agricultores semeiam o centeio de propósito para este fim, para assim responder a encomendas das chamadas “chapeleiras”, mulheres que se dedicam à atividade dos entranchados.

¹⁶ Costa, Zaida Gabriela Morais. Oliveira, Ermelinda Cândida Pereira. Silva, Lúcia de Jesus Oliveira. Ribeiro, Albano. “Levantamento artesanal e histórico de Golães”. 1981. Fafe.

¹⁷ “Santos” refere-se, popularmente, ao mês de Novembro, com referência ao Dia de todos os Santos, dia 1 de Novembro.

¹⁸ Vaz, Maria Soledade. Memórias de Outros Tempos. 2018. Fafe: Associação Atriumemória.



Imagem 17: A ceifa ou corte da “ferrã”. Fonte: Sónia Rodrigues

- O branqueamento – 1ª fase

Chegada esta fase, o agricultor “sai” do processo, entrando a “chapeleira”, normalmente a mulher que compra a “ferrã” e executa o entrançado. É ela que garante a “cadeia operatória” entre a presente etapa e a da coloração da palha.



Imagem 19: Molhos de palha. Fonte: Sónia Rodrigues



Imagem 18: Branqueamento da palha. Fonte: Sónia Rodrigues

Cortada a palha de centeio e depois de ser espevitada, ou seja limpa, esta é dividida em molhos para depois ser levada para os campos ou montes, onde é espalhada e exposta ao sol do dia e orvalho da noite. Esta ação tem como objetivo o branqueamento da palha, pois esta na sua fase inicial é verde, pretendendo-se que fique com uma tonalidade mais esbranquiçada.



Imagem 20: Espevitar a “ferrã”. Fonte: Sónia Rodrigues

- O seccionamento do caule da palha

A ferrã é constituída pelo caule e pela espiga. Ao longo do caule existem diversos nós, que distam entre si trinta a cinquenta centímetros.

O seccionamento consiste em cortar o caule junto aos elos, extraindo-os e retirando a espiga, que não era aproveitada para esta atividade, mas sim, para se fazerem colchões para as camas. Os elementos resultantes são agrupados da seguinte forma: a parte inferior do caule para um lado; a parte intermédia para outro e a parte superior do caule para outro lado.

Dependendo do grupo de onde foram extraídas as “palheiras”, como se designam esses elementos, levam o nome de “tocos” os da parte inferior do caule, “palha grossa” os da parte intermédia e “palha fina” os das palheiras extraídas da parte superior do caule.



Imagem 21: Seccionamento do caule da palha. Fonte: CLDS Fafe

- O branqueamento – 2ª Fase

Após a operação de seccionamento, as palheiras são novamente branqueadas, em moldes idênticos ao branqueamento da primeira fase.

A finalidade é conseguir um branqueamento mais acentuado daqueles elementos, o que apenas será conseguido com uma terceira fase.

- A escolha

Após a operação de seccionamento, as palheiras já ficam, de algum modo, agrupadas. No entanto, torna-se necessária uma seleção mais criteriosa, tomando como critério valorativo a espessura das mesmas. Em função desta escolha será definido o tipo de entrançado da palha. É a chamada fase da “escolha”, de que resultam cinco diferentes tipos de “palheiras”, que se indicam por ordem crescente de espessura:

- relo
- escumilha
- onze
- sete
- tocos

Concluída esta operação, segue-se o agrupamento de “palheiras” do mesmo tipo, em pequenos atados, cuja espessura varia entre dez a quinze centímetros. Os pequenos

molhos formados e independentemente da espessura, levam a designação de “manada”, “molha”, “mada” ou “maço”.

- O branqueamento – 3ª Fase

Para que fiquem prontas a serem trabalhadas, as palheiras requerem um branqueamento mais acentuado.

Ao contrário dos anteriores, que tinham como meio de branqueamento o sol e o orvalho, o processo nesta terceira fase impõe a utilização de enxofre.

A operação consiste em armazenar as palheiras, já em atados, em caixas de madeira tipo arca, de pé, e submetê-las aos efeitos do vapor libertado pelo enxofre. O período de exposição é de, pelo menos, dez dias, dependendo da quantidade de palha a branquear. Findo esses dias as palheiras podem ser utilizadas ou permanecer dentro das arcas como forma de armazenamento.

- A coloração

A palha nem sempre é utilizada na sua cor natural, resultante das três fases do branqueamento anteriormente referido. Por vezes, é utilizada em várias cores, desde o vermelho, amarelo, verde e azul, entre outras que se pretendam¹⁹.

A coloração é conseguida através do mergulho das palheiras em grandes caldeirões cheios de produto corante, a que vulgarmente se dá o nome de “água de tingir”, e que previamente teve de ser preparado, diluindo determinada quantidade de pigmento da cor que se deseja em água fervente. Como fixantes da cor, são utilizados vinagre e sal.

Após este conjunto de operações, a palheira, matéria prima dos entrançados, está pronta para ser trabalhada.

Capítulo V – Descrição do modo de produção e características dos “Entrançados de Palha – Fafe”

Existe uma preparação inicial antes de se executar qualquer tipo de entrançado, que é de demolhar a palha, por um período de aproximadamente doze horas, pois permite uma maior facilidade no seu manuseamento.

¹⁹ Atualmente, em Fafe, prosseguem experiências para se alcançar as cores castanho, rosa e preto.



Imagem 22: Demolhar a palha. Fonte: Sónia Rodrigues

O entrançado de palha de centeio, assim como entrançados de outros materiais, utiliza um sistema de fios (três, no mínimo), entrecruzados diagonalmente. É feito à mão, passando alternadamente os fios (ou as “palhas”), por cima e por baixo. Consoante o tipo de entrançado aplicam-se três, quatro, cinco, sete ou onze palheiras.

A cada um dos tipos de entrançado, corresponde uma designação e uma técnica de execução, nomeadamente o entrançado “Nylon”; o entrançado “Repique”; o entrançado “Trancelim”; o entrançado “Tocos”; o entrançado “Peixeira”; o entrançado “Rêlo fino”; o entrançado “Rendilha”; o entrançado “Escumilha”.²⁰

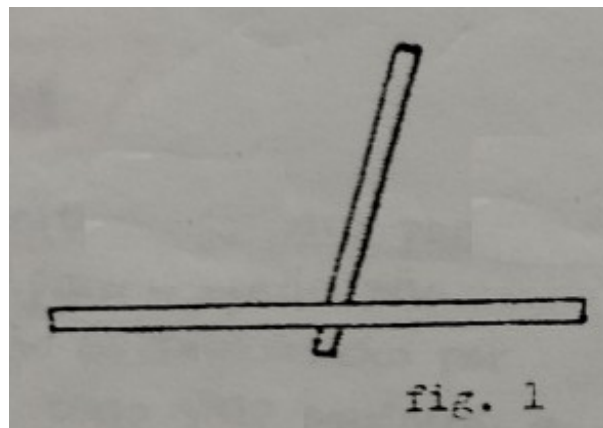
- O entrançado “NYLON”

O chamado “Nylon” é feito com três pontas. Os tipos de palha habitualmente utilizados são denominados por “sete” e “tocos”. Para a execução deste tipo de entrançado, a palheira é rachada ao meio, longitudinalmente, utilizando-se para isso um instrumento adequado a que se dá o nome de rachador.

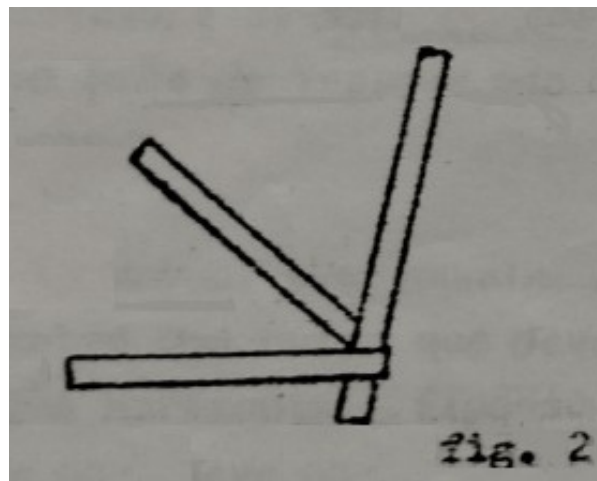
O comprimento habitual deste tipo de entrançado é de quinze braças, entendendo-se por “braça” o comprimento de cerca de metro e meio, que corresponde à distância com os braços abertos lateralmente, em sentidos opostos, na direção lateral do corpo, vai de uma mão a outra.

a) Coloca-se uma palheira numa posição oblíqua em relação a uma segunda palheira, na posição horizontal. A primeira palheira deve ficar inteiramente inclinada para a direita e com a extremidade inferior a ultrapassar levemente por detrás. (fig. 1)

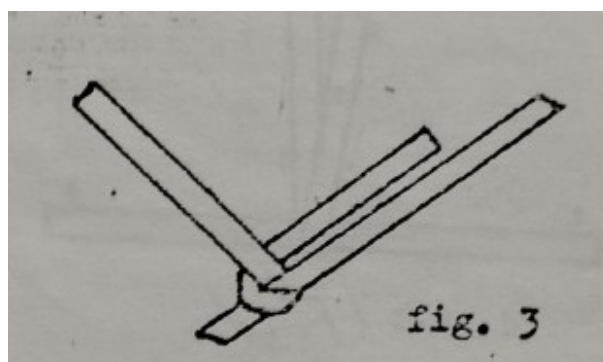
²⁰ Todas as imagens explicativas das técnicas de execução dos diferentes entrançados que se seguem, foram retiradas da seguinte obra: Costa, Zaida Gabriela Morais. Oliveira, Ermelinda Cândida Pereira. Silva, Lúcia de Jesus Oliveira. Ribeiro, Albano. “Levantamento artesanal e histórico de Golães”. 1981. Fafe.



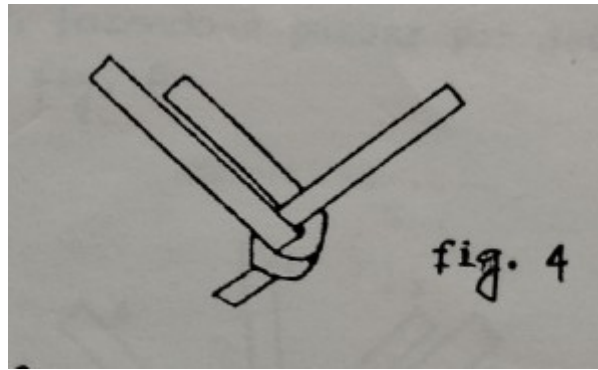
b) Resultam assim três pontas, em que se dobra a da direita por detrás da palheira do meio. (fig. 2)



c) A palheira que estava a direito ficou assim ao meio. Dobra-se depois a da esquerda por detrás da que ficou no meio. (fig. 3)



d) A da esquerda passou para o meio. Pega-se novamente na palheira da direita e dobra-se por detrás da que está ao meio. (fig. 4)

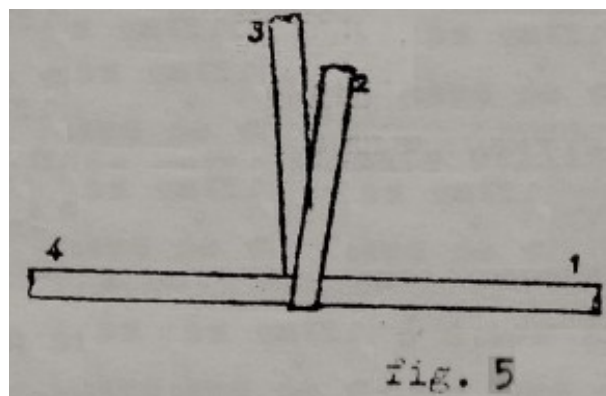


A continuidade consiste na repetição dos passos referidos nas alíneas c) e d).

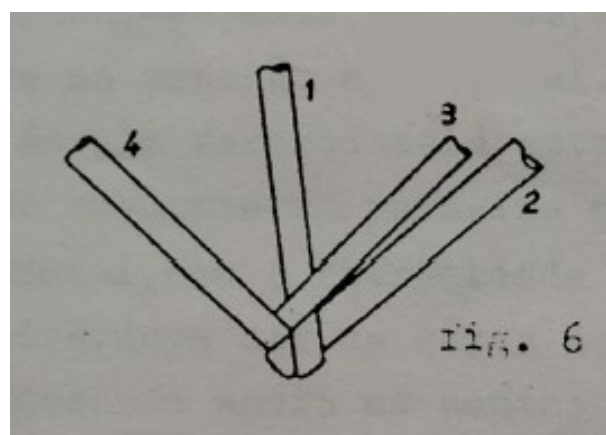
- O entrançado “Repique”

O “Repique” é feito com quatro pontas. A palheira utilizada é a que chamamos “tocos”. Neste caso e nos seguintes, a palha aplica-se inteira, ou seja, não é rachada. O sistema de entrelaçamento das pontas é cada vez mais complicado, à medida que o número daquelas vai aumentando. O comprimento habitual deste tipo de entrançado é de doze braças.

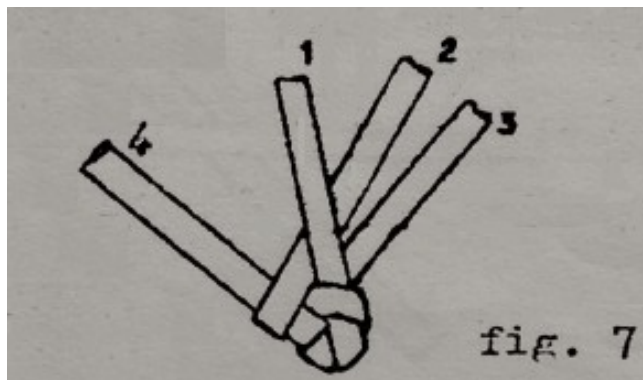
a) Primeiramente dobra-se uma palheira, mais ou menos a meio, sobre outra que se deve segurar na posição horizontal, ficando a primeira (as duas pontas) numa posição perpendicular à segunda. (fig. 5)



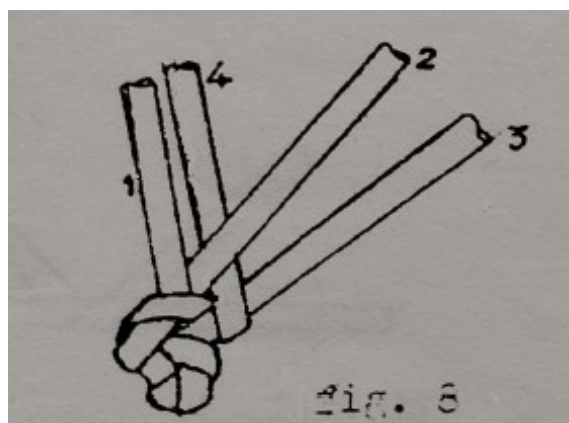
b) Depois, deve dobrar-se a ponta 4 sobre a ponta 2, fazendo-a passar por debaixo da ponta 3. (fig. 6)



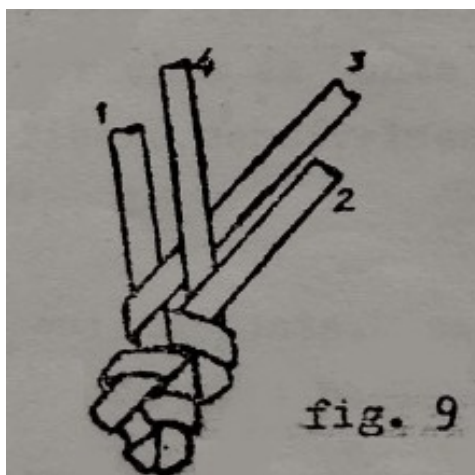
c) De seguida passa-se a ponta 2 por entre as pontas 1 e 4, dobra-se sobre a ponta 4, regressando por cima desta fazendo-a passar por debaixo da ponta 1. (fig. 7)



d) Depois pega-se na ponta 4, passa-se por entre as pontas 2 e 3, dobra-se sobre a ponta 3 regressando por cima desta e fazendo-a passar por debaixo da ponta 2. (fig. 8)



e) De seguida pega-se na ponta 3 que se faz passar por entre as pontas 1 e 4, dobra-se sobre a ponta 1, regressando por cima desta e fazendo-a passar por debaixo da ponta 4. (fig. 9)

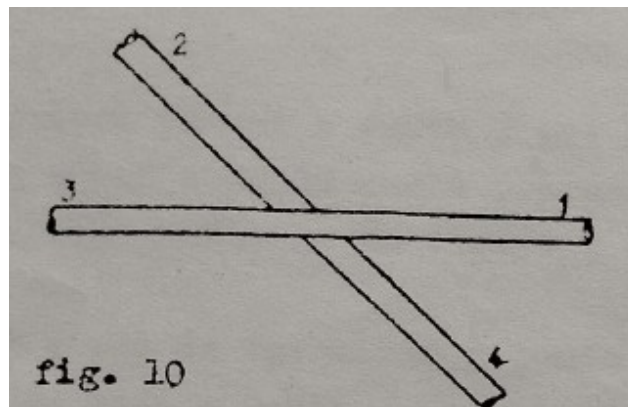


A continuidade consiste na repetição dos passos referidos nas alíneas d) e e).

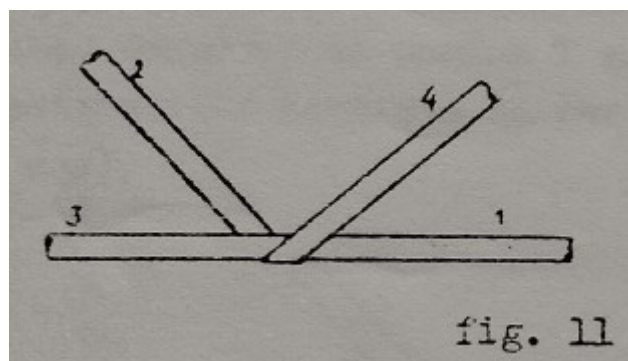
- O entrançado “Trancelim”

O “Trancelim” é executado com cinco pontas, sendo o tipo de palheira utilizado normalmente o “onze”. O comprimento que habitualmente se faz deste tipo de entrançado é também de doze braças.

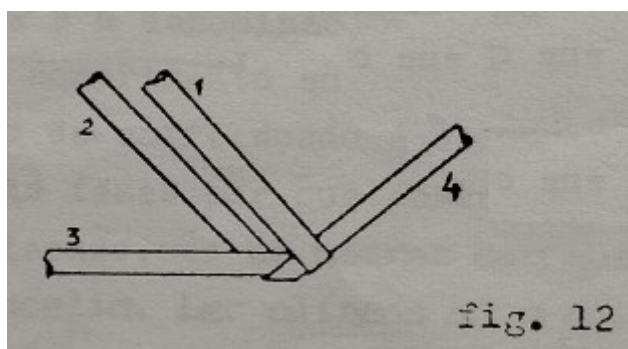
a) Primeiramente coloca-se uma palheira numa posição oblíqua em relação a uma outra que se deve segurar na posição horizontal e por detrás da mesma. A palheira colocada por detrás deve cruzar-se, mais ou menos a meio da que permanece na posição horizontal. O ângulo formado pela extremidade da ponta do lado esquerdo da palheira colocada na posição horizontal, com a extremidade superior da outra palheira deve ser de cerca de 45 graus. (fig. 10)



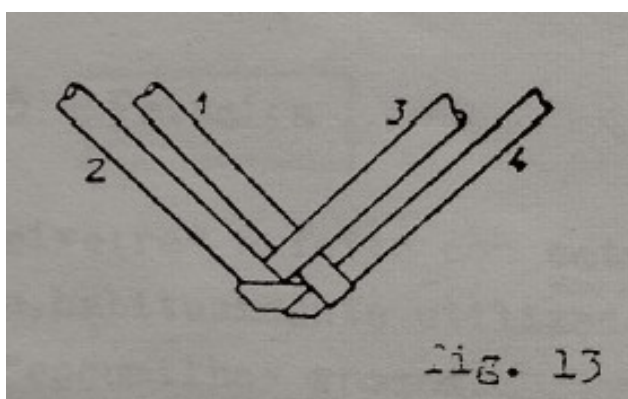
b) Depois dobra-se a ponta 4 sobre a palheira que permanece na horizontal, ficando numa posição que dista, cerca de 45 graus da ponta 1. (fig. 11)



c) Agora dobra-se a ponta 1 sobre a ponta 4, que ficará numa posição paralela à ponta 2. (fig. 12)

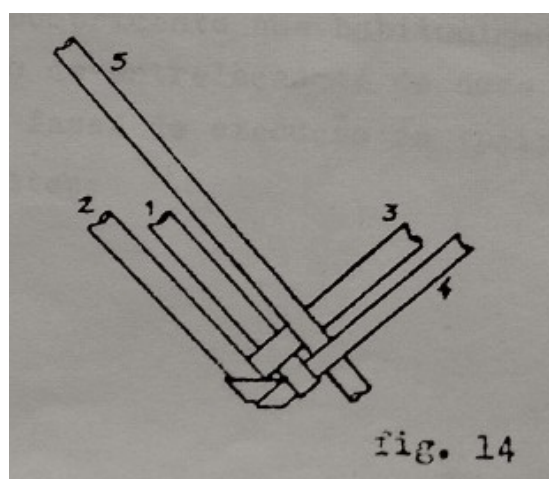


d) Dobra-se a ponta 3 por debaixo da ponta 2, fazendo-a passar por cima da ponta 1. A ponta 3 ficará paralela à ponta 4. (fig. 13)

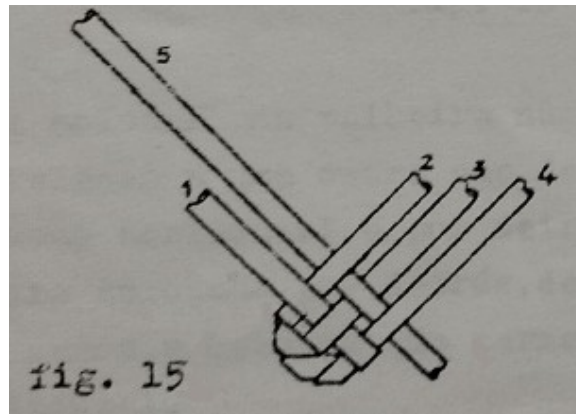


e) Agora entra a ponta 5. Usa-se uma nova palmeira, que se coloca numa posição paralela às pontas 1 e 2, passando por cima da ponta 3 e por debaixo da ponta 4.

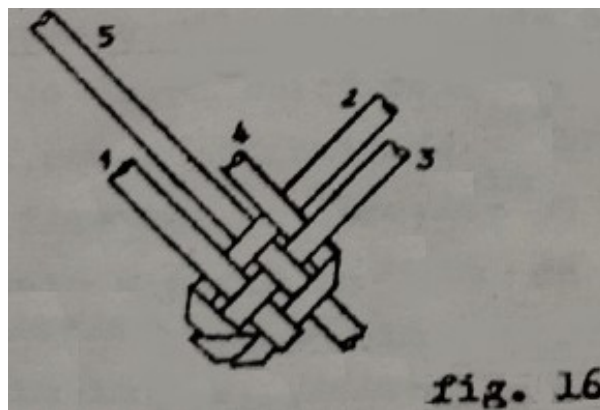
A extremidade inferior da nova ponta deve passar para baixo da ponta 4, apenas o comprimento suficiente para se não desfazer o entrelaçado. (fig. 14)



f) De seguida passa-se a ponta 2 por debaixo da ponta 1 e por cima da ponta 5, passando a ficar numa posição paralela às pontas 3 e 4. (fig. 15)



g) Agora chegou a vez de trabalhar a ponta do lado contrário, ou seja, a ponta 4. Faz-se passar a referida ponta por baixo da ponta 3 e por cima da ponta 2, ficando numa posição paralela às pontas 1 e 5. (fig. 16) A continuidade consiste na repetição dos passos referidos nas alíneas f) e g).



- O trançado “Tocos”

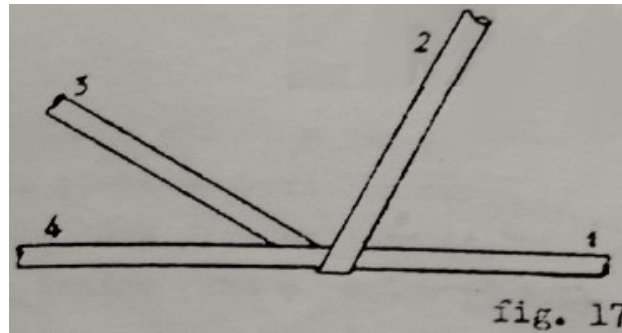
O tipo de trançado que dá por esta designação é executado tal como o “trancelim”, com cinco pontas. O tipo de palheiras utilizado é o designado por “tocos”. O comprimento normalmente utilizado neste tipo de trançado é de nove braços.

- O trançado “Peixeira”

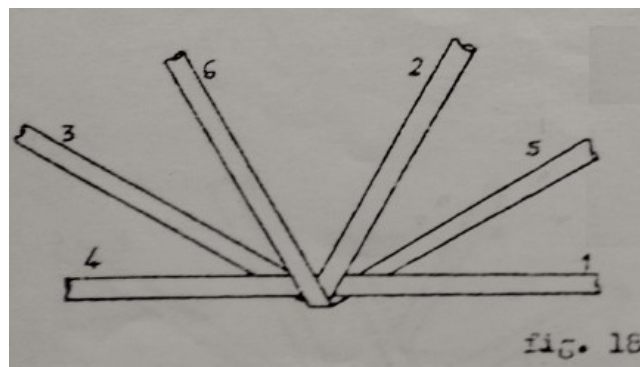
A “Peixeira” é feita com sete pontas, sendo o tipo de palheira habitualmente usado o denominado “escumilha” grossa. O comprimento usual deste tipo de trançado é de doze braços.

a) Primeiramente coloca-se uma palheira numa posição oblíqua em relação a uma outra que deve segurar-se na posição horizontal e por detrás da mesma. À palheira colocada por detrás, deve cruzar-se, mais ou menos a meio da que permanece na posição horizontal. O ângulo formado pela extremidade da ponta do lado esquerdo da palheira, colocada na posição horizontal, com a

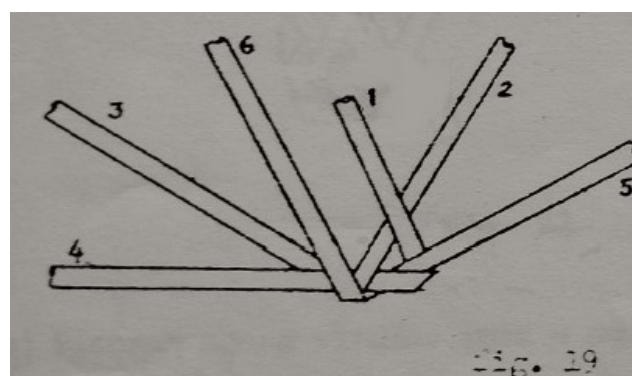
extremidade superior da outra palheira, deve ser de cerca de 30 graus. Dobra-se agora a parte inferior da palheira oblíqua sobre a palheira que se encontra na posição horizontal. Deve dobrar-se de tal forma que, ao passar para cima, a nova ponta deve formar com a extremidade do lado direito da palheira que permanece na posição horizontal, um ângulo de cerca de 60 graus. (fig. 17)



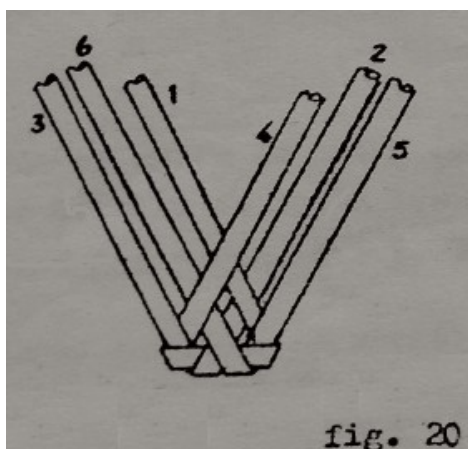
b) Segurando bem nas quatro pontas resultantes do passo anterior, deve agora colocar-se outra palheira, numa posição oblíqua em relação às pontas 1 e 4, de forma semelhante à utilizada na fase anterior, mas pela frente. A extremidade superior da nova palheira, deve ficar a cerca de 30 graus à direita da ponta 3. Dobra-se agora a extremidade por debaixo da ponta 1, de forma que vá ficar entre as pontas 1 e 2. (fig. 18)



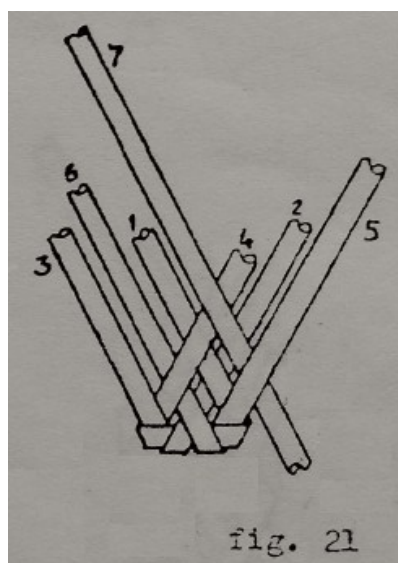
c) Agora dobra-se a ponta 1, por detrás da ponta 5, fazendo-a passar por cima da ponta 2 de forma que venha a ficar inclinada para o lado contrário aquele que estava antes, ou seja, para a esquerda. (fig. 19)



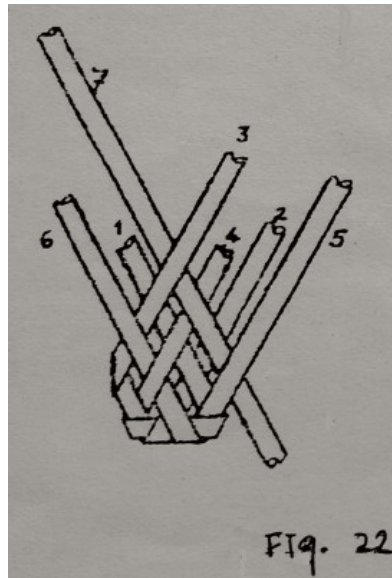
d) Chegou a vez da ponta 4, dobrar por debaixo da ponta 3, passando por cima das pontas 6 e 1. Após esta operação, verificamos que ficam três pontas inclinadas para um lado (4,2,5), e três pontas inclinadas para o outro (3,6,1). (fig. 20)



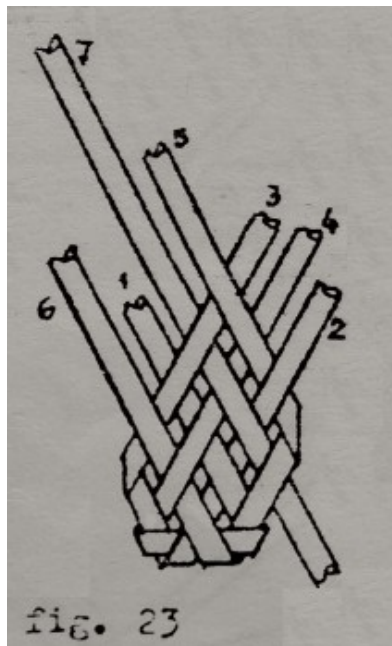
e) De seguida coloca-se uma palheira numa posição paralela às pontas 3, 6 e 1, de forma que fique por baixo da ponta 5 e por cima das pontas 2 e 4, esta palheira irá constituir a sétima ponta. (fig. 21)



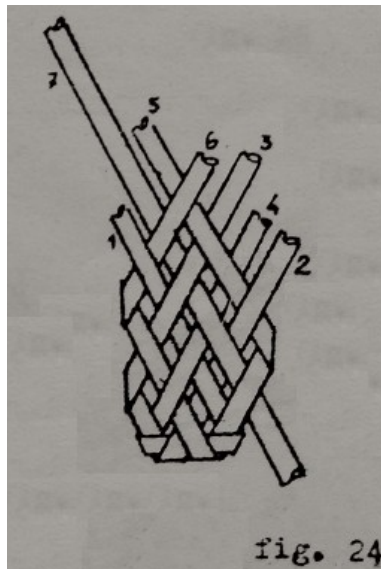
f) Ficaram agora viradas para o lado esquerdo, quatro pontas. É desse lado que se deve trabalhar agora. Dobra-se a ponta 3 por debaixo da ponta 6, fazendo-a passar por cima das pontas 1 e 7. (fig. 22)



g) Agora ficaram viradas para o outro lado quatro pontas. Dobra-se a ponta 5 por debaixo da ponta 2, fazendo-a passar por cima das pontas 4 e 3. (fig. 23)



h) Continua-se agora do outro lado, dobrando a ponta 6 por debaixo da ponta 1, e fazendo-a passar por cima das pontas 7 e 5. (fig. 24)



A continuidade consiste na repetição dos passos referidos nas alíneas g) e h).

- O entrançado “Rêlo Fino”

O “rêlo fino” é feito com sete pontas, com o tipo de palheira designado “rêlo”. O comprimento deste tipo de entrançado é habitualmente de doze braças.

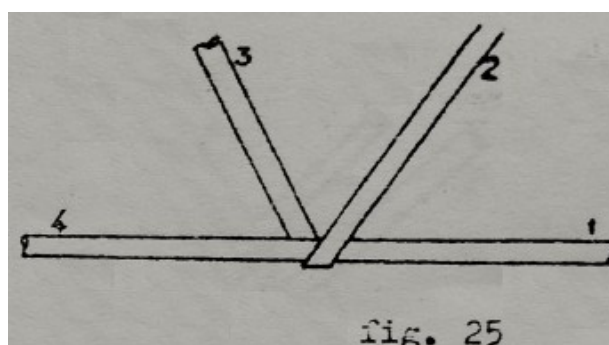
O comprimento que habitualmente se faz, deste tipo de entrelaçado é de doze braças.

O processo de execução deste entrelaçado, é o mesmo com que se executa a “peixeira”.

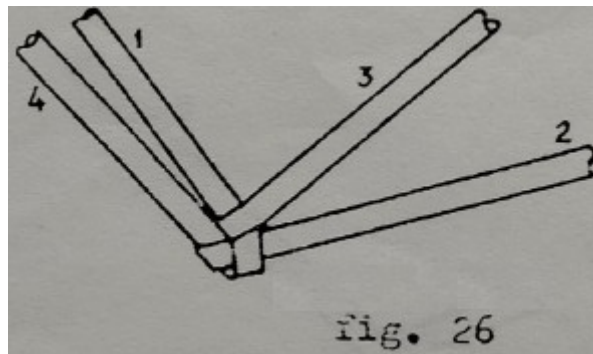
- O entrançado “Rendilhada”

A “Rendilhada” é executada com sete pontas. O tipo de palha utilizado é o denominado “onze”. O comprimento que habitualmente se faz deste tipo de entrançado é de doze braças. No entanto, dada a sua dificuldade de execução, este tipo de entrançado está a cair em declínio.

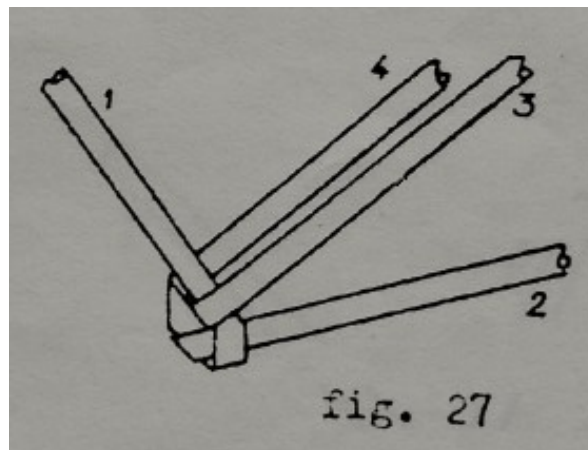
a) Dobra-se uma palheira mais ou menos a meio, sobre uma outra que deve segurar-se na posição horizontal, de forma que as pontas distam entre si, ângulos de cerca de 60 graus. (fig. 25)



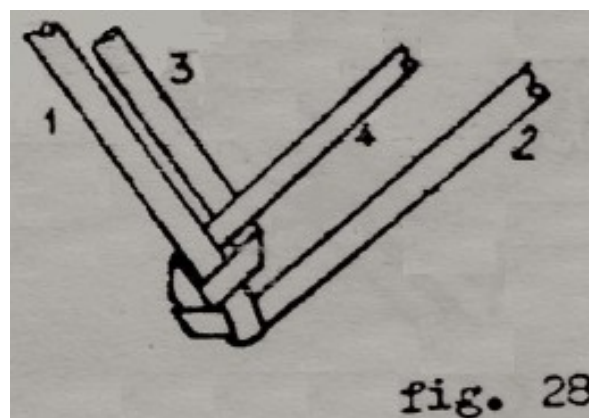
b) De seguida dobra-se a ponta 1 sobre a ponta 2, fazendo-a passar por debaixo da ponta 3. Assim, a ponta 1, vai ficar numa posição sensivelmente paralela à ponta 4. (fig. 26)



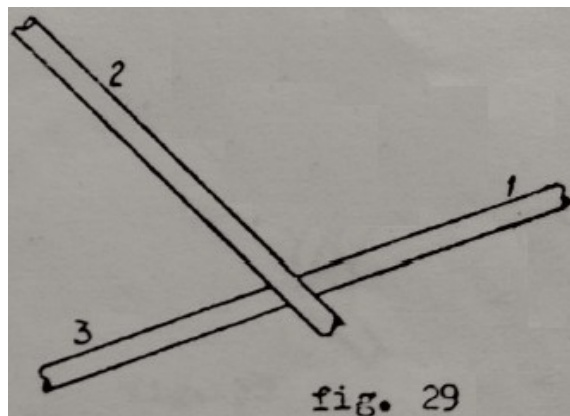
c) Agora dobra-se a ponta 4 por debaixo da ponta 1, de forma a ficar numa posição aproximadamente paralela às pontas 2 e 3. (fig. 27)



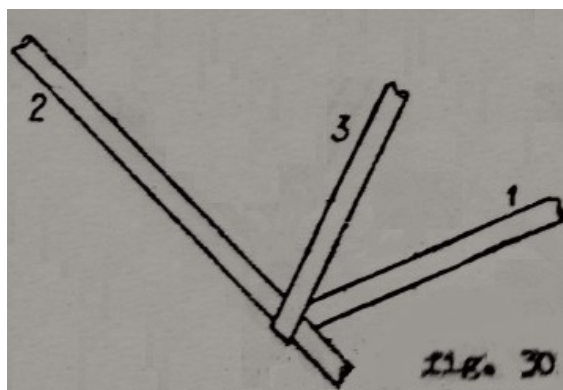
d) Depois dobra-se a ponta 3 por debaixo da ponta 4, de forma a ficar numa posição sensivelmente paralela à ponta 1. Após a fase b), verifica-se uma técnica de execução já conhecida, o “nylon”. (fig. 28)



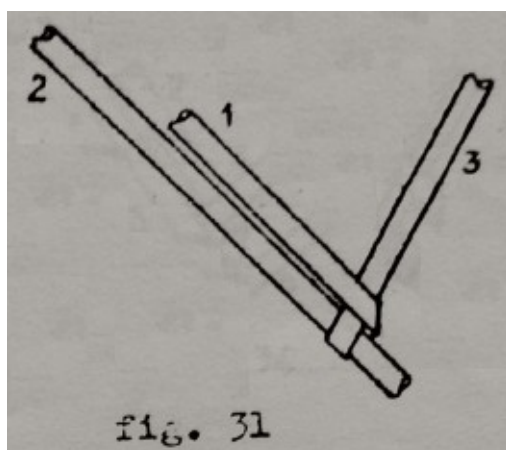
e) Tomando o cuidado de não deixar desfazer o entrelaçado começado, deixemo-lo por momentos. Usando duas novas palheiras, inicia-se um outro entrelaçado. A técnica usada é a do “nylon”, mas com alguns pormenores importantes. Começa-se por colocar uma palheira numa posição oblíqua, em relação a uma outra, que deve segurar-se na posição horizontal. A palheira que se coloca na posição oblíqua, deve ficar ligeiramente inclinada para a esquerda e com a extremidade inferior, ultrapassando levemente e pela frente, a palheira em posição horizontal. (fig. 29)



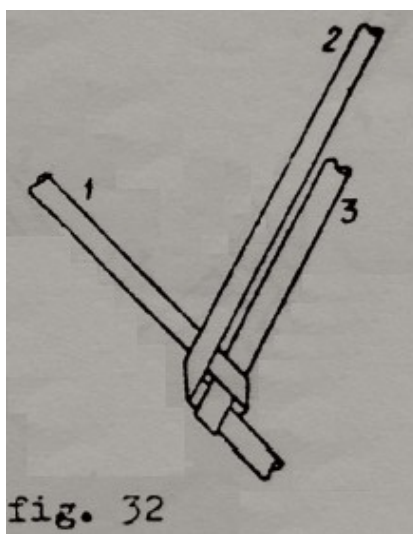
f) Resultaram três pontas. Dobra-se a ponta 3 por cima da ponta 2, por forma a que a sua inclinação fique a ser para o mesmo lado da ponta 1. (fig. 30)



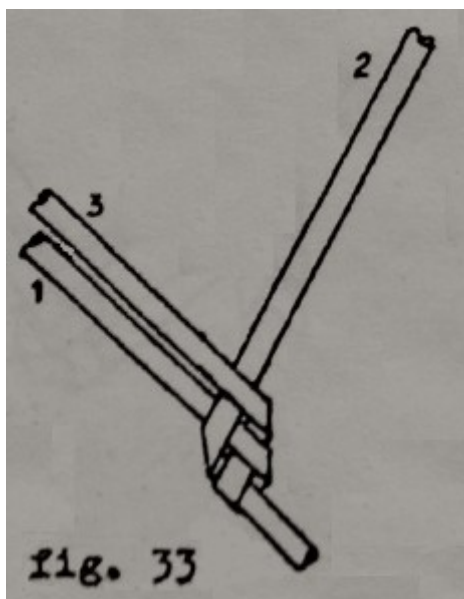
g) Agora dobra-se a ponta 1, sobre a ponta 3, por forma a ficar numa posição sensivelmente paralela à ponta 2. (fig. 31)



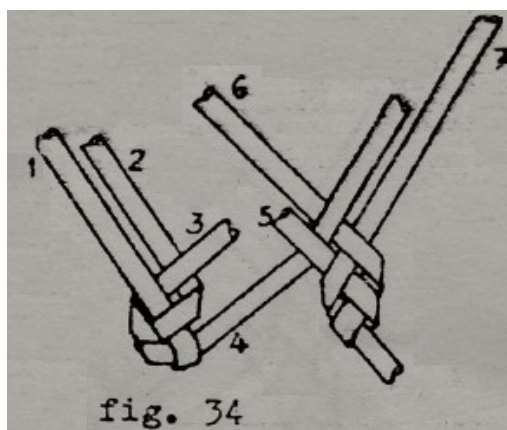
h) Chegou a vez da ponta 2 dobrar sobre a ponta 1. Deve ser dobrada de tal forma que fique numa posição sensivelmente paralela à ponta 3. (fig. 32)



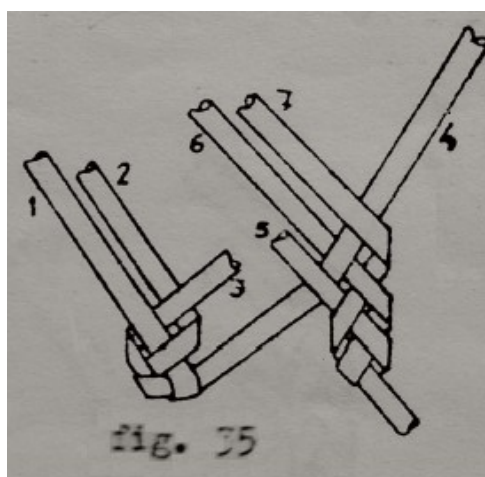
i) Dobra-se ainda a ponta 3 sobre a ponta 2, de forma a ficar numa posição sensivelmente paralela à ponta 1. (fig. 33)



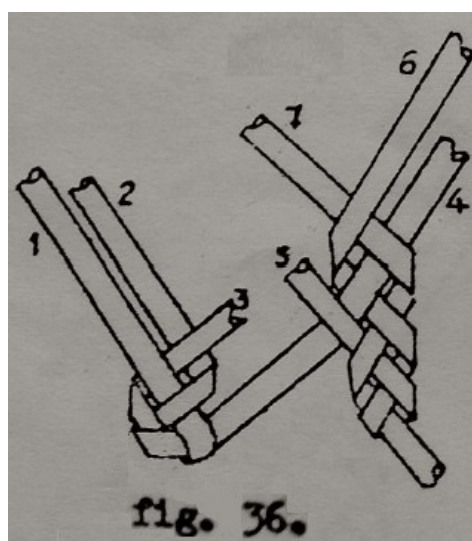
j) Juntam-se agora, os dois entrelaçados da seguinte forma: o de quatro pontas à esquerda e o de três pontas à direita, deixando entre eles uma distancia pouco superior à largura de um dos dois entrelaçados. Passa-se a ponta 4, por debaixo da ponta 5, de forma que a ponta 4 tome o seu lugar, passando por cima da ponta 6 e indo ficar numa posição sensivelmente paralela à ponta 7. (fig. 34)



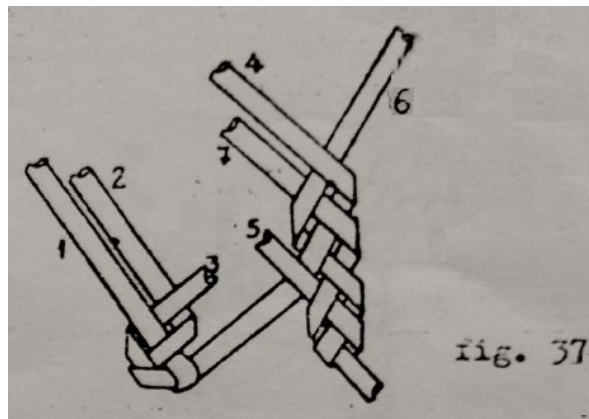
l) Segurando bem os dois entrelaçados que começam a juntar-se, dobra-se a ponta 7 sobre a ponta 4, devendo ficar sensivelmente paralela às pontas 5 e 6. (fig. 35)



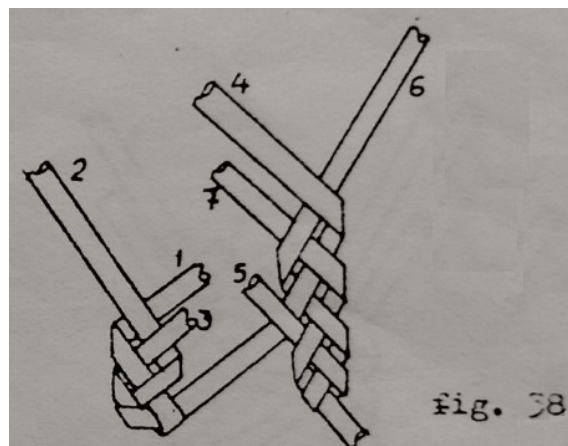
m) Depois dobra-se a ponta 6, sobre a ponta 7, por forma a ficar numa posição sensivelmente paralela à ponta 4. Os dois entrelaçados devem segurar-se bem nas mãos, para não se desfazerem. (fig. 36)



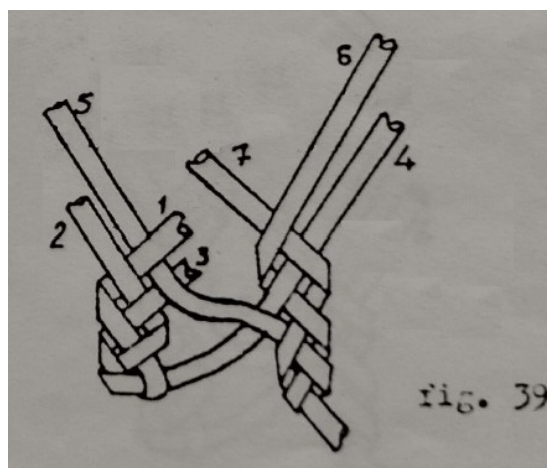
n) Agora trabalha a ponta 4, dobrando-se por cima da ponta 6, de tal forma que vá numa posição sensivelmente paralela à ponta 7. (fig. 37)



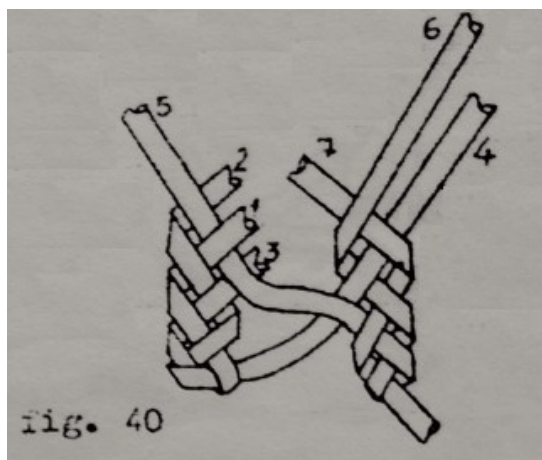
o) Pega-se agora no outro entrelaçado, mas sem largar o que se estava a trabalhar. Dobra-se a ponta 1 por debaixo da ponta 2, de forma a ficar numa posição sensivelmente paralela à ponta 3. (fig. 38)



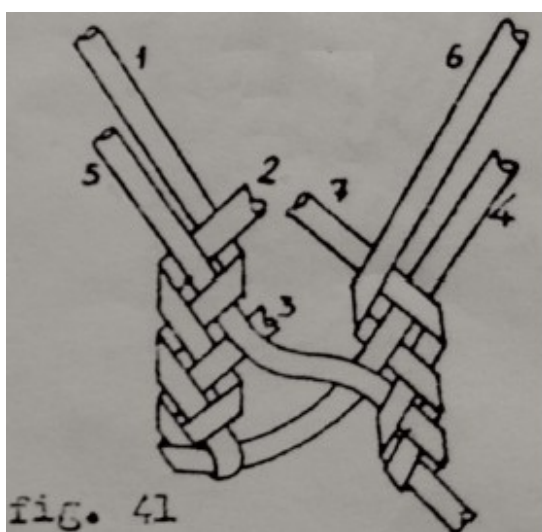
p) De seguida pega-se na ponta 5, proveniente do entrelaçado do lado direito, fazendo-a passar por cima da ponta 3 e tomando o seu lugar. Assim faz-se de imediato, passar a ponta 5 por debaixo da ponta 1, como se tratasse da ponta 3 e por forma a ficar numa posição paralela à ponta 2. (fig. 39)



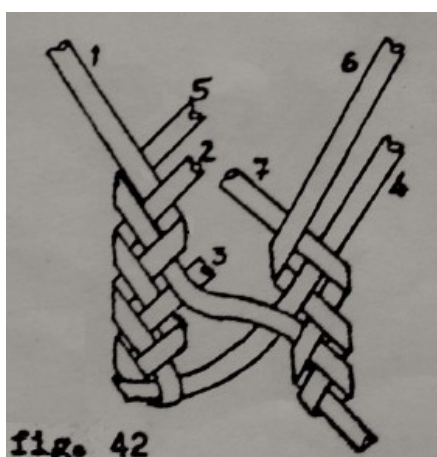
q) Dobra-se a ponta 2 por debaixo da ponta 5 e por forma a ficar numa posição sensivelmente paralela às pontas 1 e 3. (fig. 40)



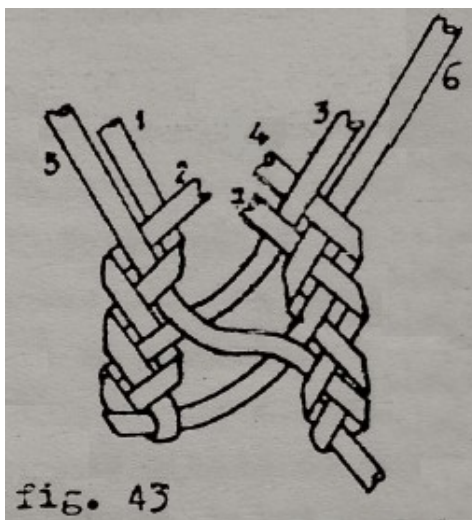
r) Agora com a ponta 1, dobra-se por debaixo da ponta 2, de maneira que fique numa posição mais ou menos paralela à ponta 5. Deve sempre segurar-se bem, quer o entrelaçado da esquerda, quer o da direita, para não o deixar desfazer-se. (fig. 41)



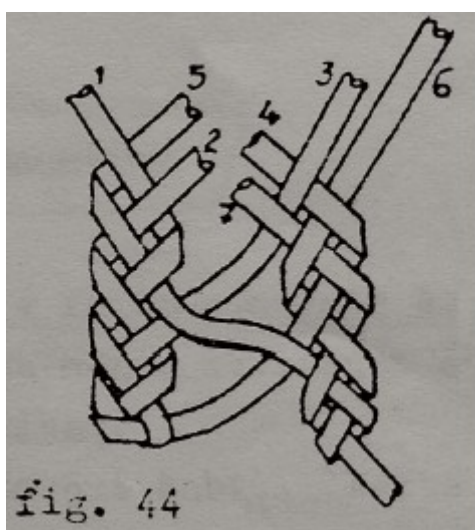
s) Agora dobra-se a ponta 5, por debaixo da ponta 1, de maneira a ficar numa posição aproximadamente paralela a ponta 2. (fig. 42)



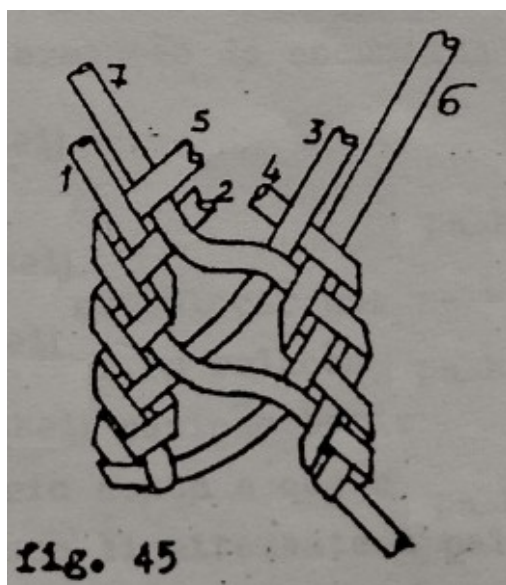
t) Volta a pegar-se no entrelaçado do lado direito e dobra-se a ponta 4 sobre ponta 6, por forma a ficar numa posição paralela à ponta 7. Pega-se na ponta 3, proveniente do entrelaçado da esquerda, e fazendo-a tomar o lugar da ponta 7, faz-se passar por baixo desta e por cima da ponta 4, por forma a ficar numa posição sensivelmente paralela à ponta 6. (fig. 43)



u) Pega-se novamente no entrelaçado da esquerda e dobra-se a ponta 5 por debaixo da ponta 1, de maneira a ficar numa posição paralela à ponta 2. (fig. 44)



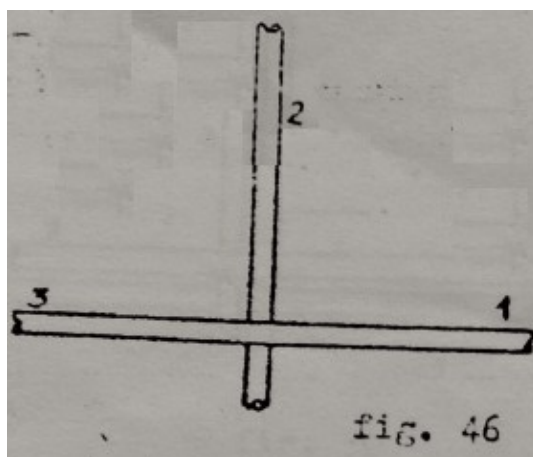
v) Pega-se na ponta 7, proveniente do entrelaçado da direita e, fazendo-a tomar o lugar da ponta 2, faz-se com que ela passe por cima desta e por debaixo da ponta 5, por forma a ficar numa posição sensivelmente paralela à ponta 1. (fig. 45)



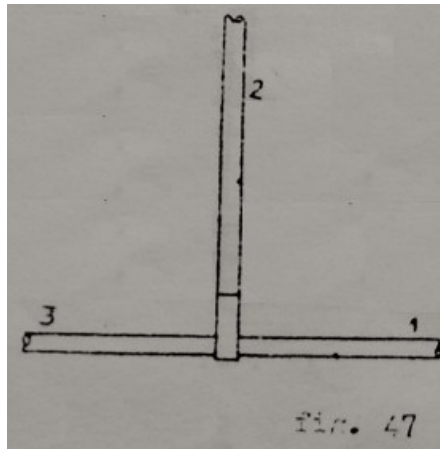
- O entrançado “Escumilha”

A “Escumilha” é feita com onze pontas. O tipo de palha utilizado tem a mesma designação, ou seja “escumilha”. O comprimento habitual deste tipo de entrançado é de nove braças.

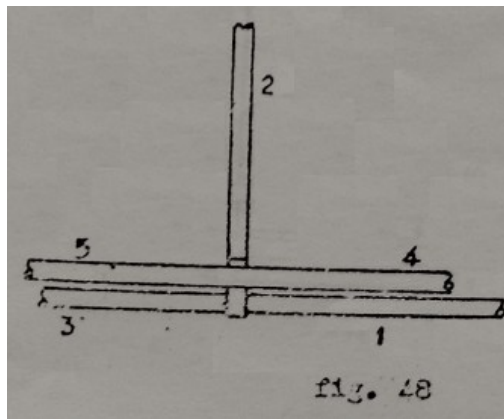
a) Coloca-se uma palheira na posição perpendicular, em relação a uma outra que deve segurar-se na posição horizontal, de forma que fique ao meio desta e que a extremidade inferior ultrapasse ligeiramente a palheira que permanece na posição horizontal. (fig. 46)



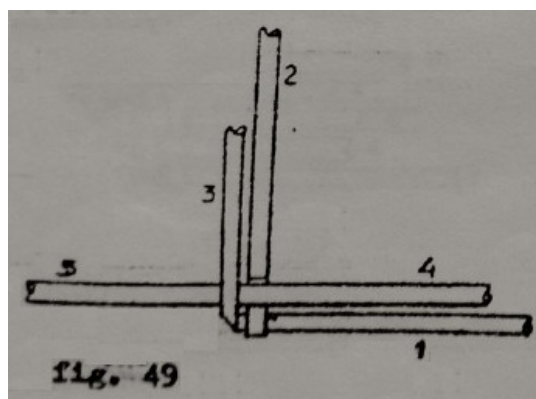
b) De seguida dobra-se a extremidade inferior da ponta 2, sobre a palheira que permanece na posição horizontal e que passa a constituir as pontas 1 e 3. (fig. 47)



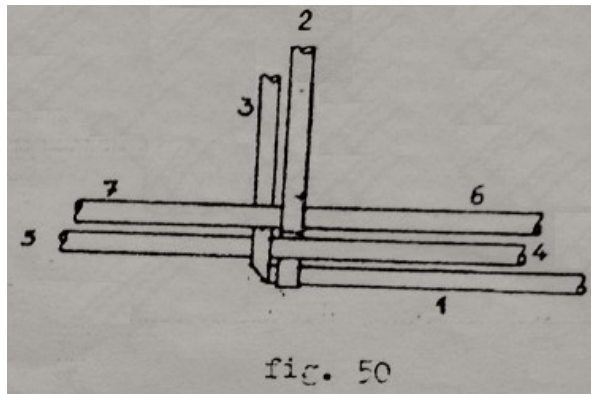
c) Aqui coloca-se uma nova palheira numa posição paralela às pontas 1 e 3, e sobre a ponta 2, de maneira a que esta (ponta 2), fique mais ou menos ao meio da nova palheira. (fig. 48)



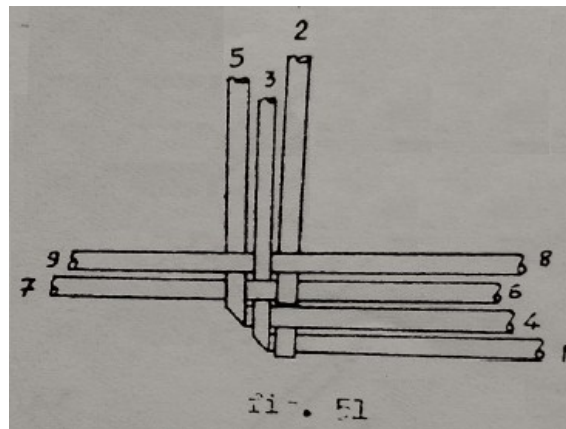
d) Agora dobra-se a ponta 3 sobre a ponta 5, de maneira que vá ficar numa posição paralela à ponta 2. (fig. 49)



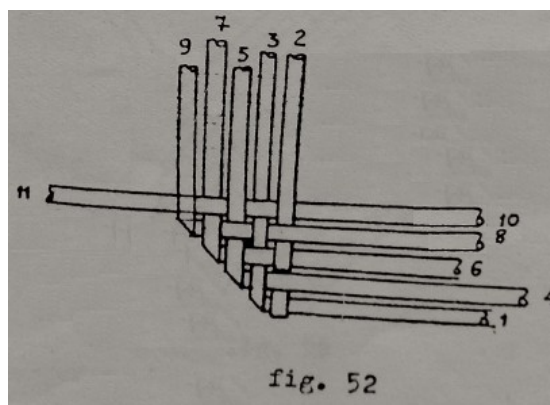
e) Coloca-se novamente mais uma palheira, de forma idêntica à praticada na fase c), que irá ficar numa posição paralela às pontas 4 e 5 e de forma que fique por cima da ponta 3 e por baixo da ponta 2. (fig. 50)



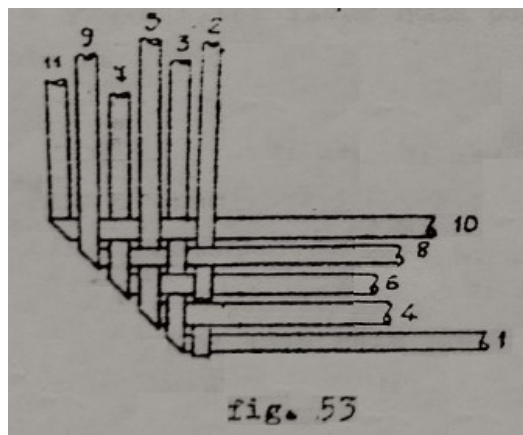
f) Depois dobra-se a ponta 5 sobre a ponta 7, de forma a ficar numa posição paralela às pontas 2 e 3. Coloca-se novamente uma nova palheira na posição horizontal, isto é, paralela às pontas 6 e 7 e de maneira que fique por cima das pontas 2 e 5 e por baixo da ponta 3. (fig. 51)



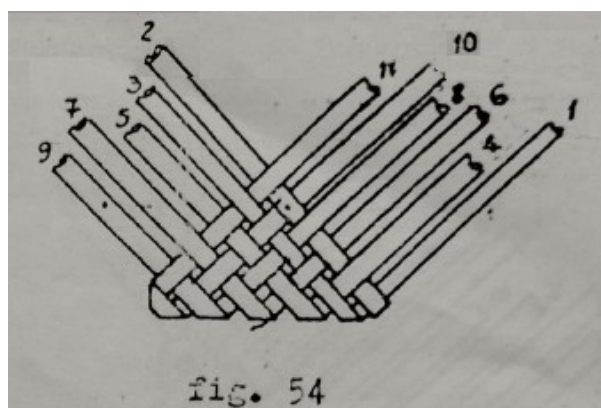
g) Proceder tal como nas fases d), e) e f), continuando até se formar um número de onze pontas. (fig. 52)



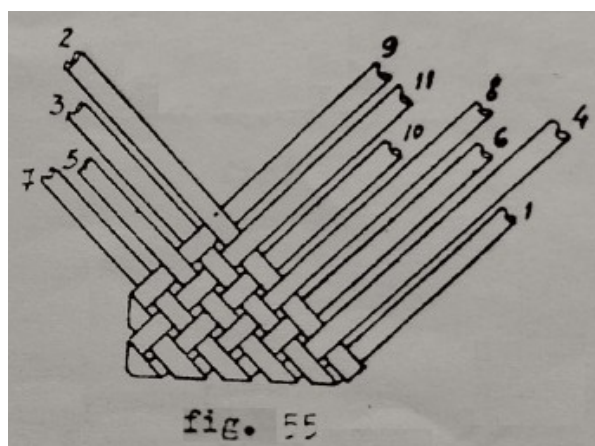
h) Dobra-se também a ponta 11 por forma a ficar numa posição paralela às pontas 2, 3, 5, 7 e 9. (fig. 53)



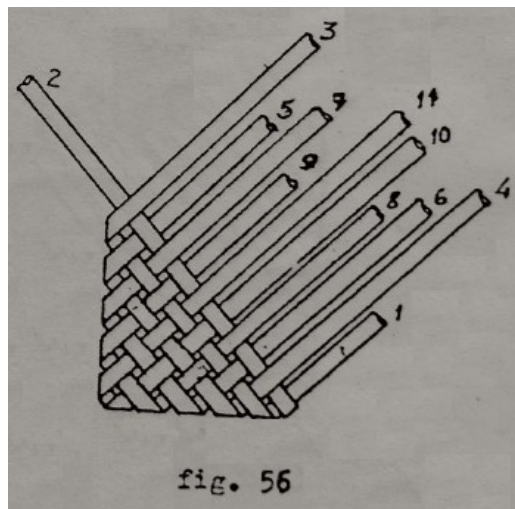
i) Para se poder trabalhar melhor deve-se rodar agora o entrelaçado, de forma a que a linha formada pelas dobras que se fizeram, fique numa posição sensivelmente horizontal. Agora dobra-se a ponta 11 por cima da ponta 9, fazendo-a passar por baixo das pontas 7 e 3 e por cima também das pontas 5 e 2. (fig. 54)



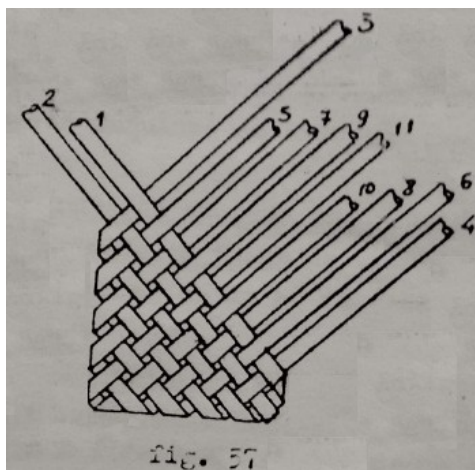
j) Dobra-se a ponta 9 por cima da ponta 7, fazendo-a passar por baixo das pontas 5 e 2 e por cima também da ponta 3. (fig. 55)



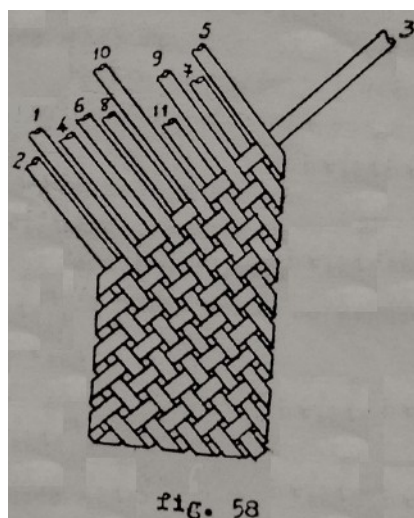
l) Seguindo o mesmo processo praticado nas fases i), e j), dobram-se as pontas, 3, 9, 5 e 7, de maneira a que estas fiquem em posições paralelas às pontas 1, 4, 6, 8, 10 11, e 9 e começando cada uma delas, por dobrar por cima da mais próxima, passar por baixo da seguinte, passar novamente por cima, e assim sucessivamente. (fig. 56)



m) Agora dobra-se a ponta 1 por cima da ponta 4, fazendo-a passar por baixo e por cima das pontas seguintes, de forma alternada. Assim, a ponta 1 irá ficar numa posição paralela à ponta 2. (fig. 57)



n) Seguindo o processo da fase anterior, todas as restantes pontas inclinadas para o lado direito, devem dobrar, cada uma delas sobre a que lhe está mais próxima, passar por baixo da seguinte, por cima da outra que se segue e assim sucessivamente. Assim resulta que todas as pontas que estavam voltadas para a direita, vão ficar viradas para a esquerda, em posições aproximadamente paralelas à ponta 2 (fig. 58). A continuidade consiste na repetição das fases i), j), l), m) e n) .



Estes são os tipos de entrançados conhecidos. No entanto, falta referir um aspeto importante da sua execução que é a questão da emenda das palheiras. Em qualquer dos tipos de entrançado, para emendar uma nova palheira, basta sobrepô-la à que está na fase terminal e que vai substituir, numa das margens do entrançado, manipulando-as em conjunto até à outra margem, como se se tratasse de uma só ponta, acabando então por se abandonar a ponta que acabou, substituída pela nova palheira, que tomará o seu lugar. Outro aspeto relevante em relação à emenda das pontas é o facto do entrançado ficar crivado de pequenas pontas, ou seja, as sobras das palheiras que foram substituídas. Inestéticas e nada funcionais, devem ser aparadas com uma tesoura, rente à superfície do entrançado, após o término da trança e antes do entrançado passar a matéria prima.



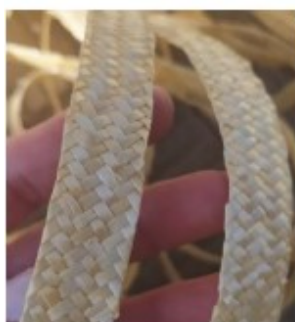
Trança de 5 Palheiras



Trança de 7 Palheiras



Trança de 9 Palheiras



Trança de 11 Palheiras



Repenique



Rendilhada

Imagem 23: Alguns tipos de entrançados. Fonte: Sónia Rodrigues

A cosedura dos entrançados

A cosedura do entrançado é uma operação que sofreu algumas transformações ao longo do tempo, relacionadas com o aparecimento e a utilização das máquinas de costura, primeiramente a pedal, e depois a motor.



Imagem 24: Máquina de coser a motor. Fonte: CLDS Fafe

Antigamente, os artigos eram cosidos à mão, com o auxílio de uma agulha grossa, em forma de alinhavo, processo segundo o qual se uniam as auréolas dos dois entrançados.



Imagem 25: Artesã a coser o entrançado à mão. Fonte: CLDS Fafe

O trabalho é executado com a palha húmida para maior facilidade de manuseamento e rematado com entrançado do tipo com que foi feito o artigo ou outro.

A diferença fundamental entre coser à mão ou à máquina, consiste na maior rapidez de execução que esta permite, bem como na maior perfeição do produto final, fundamental tanto para o artesão quanto para o consumidor.

Por outro lado, a diferença entre o trabalho executado com máquina a pedal ou máquina a motor tem a ver com o esforço despendido.

Produtos finais dos Entrançados de Palha de Fafe

- O chapéu de palha

Representando o artigo original dos entrançados, são confeccionados chapéus de diferentes tipos e tamanhos, naturalmente para resguardar a cabeça do ardor do sol, e outros utensílios de cariz utilitário.

No que respeita ao tipo de chapéus destacam-se os modelos:

- “à padre”, imitação dos modelos de chapéus usados antigamente pelos padres;
- “do campo”, o mais específico para os homens lavradores, sobretudo caracterizado pela sua robustez e segurança contra os raios solares;
- “tonico”, a imitar o chapéu de um famoso personagem da telenovela “Gabriela cravo e canela”, de Jorge Amado, passada na televisão, é também chamado o “chapéu brasileiro”;
- “robin”, chapéu com uma pena do lado esquerdo, a imitar o chapéu do Robin dos Bosques;
- “mexicano” como o nome indica, um tipo de chapéu que é transposto da realidade do famoso país latino-americano.
- “capeline”, “travessão”, “redondo”, e “vaso”, específicos para mulher, segundo a respetiva forma final e o tipo de palha utilizada;
- “touca”, “redondo”, “vaso”, para as crianças.



Imagem 26: Exemplos de chapéus em palha. Fonte: CLDS Fafe

- Outros produtos

Para além dos tradicionais chapéus de palha, foram sendo introduzidos outros produtos feitos com os mesmos entrançados e igualmente costurados na fase final, dos quais se podem destacar cestos diversos (de roupa, de pão, talheres, brinquedos), carteiras, tapetes, carpetes, abanos, individuais, boleiras, queijeiras, torteiras, tarteiras, bomboneira, guarda-jóias, caixas, cestas de compras, sacos “ceira” para piqueniques, cestas de criança, “ceira” para bebés, revestimentos de garrafas e vasos, esteiras, pochetes, abajur, calçado, vestuário, acessórios de moda, bonecas e outros brinquedos. Para além disso, há uma tradição de manufatura de produtos de palha em miniatura, com finalidade de *souvenir*. Todos estes produtos se inserem no portefólio tradicional desta produção artesanal do concelho de Fafe.



Imagem 28: Boleira em palha. Fonte: CLDS Fafe



Imagem 27: Cesta em palha. Fonte: CLDS Fafe



Imagem 29: Caixa em palha. Fonte: CLDS Fafe



Imagem 30: Queijeira em palha. Fonte: CLDS Fafe

Capítulo VI – Condições de inovação do produto e no modo de produção

Os produtos de artesanato, para além de terem um carácter utilitário, como por exemplo os chapéus, podem desempenhar um papel importante como artigo de recordação.

Todas as peças de artesanato são uma apresentação ou mostra da identidade cultural, desde que mantenham a autenticidade e genuinidade da cultura que reflete. Assim, é necessário preservar a atividade artesanal e definir claramente a autenticidade das artes, para preservação da integridade e da originalidade dos produtos tradicionais.

Considerando o desenvolvimento e a história do artesanato tradicional produzido, os artefactos em entrançados de palha foram se ajustando a novas funções e utilizações, adaptando ou alterando as suas formas para melhor responderem às necessidades das pessoas e às exigências do desenvolvimento da vida quotidiana.

As expectativas dos clientes e a criatividade das artesãs podem suscitar produtos mais atrativos e funcionais, desde que numa inovação controlada. Recorrendo aos entrançados de palha e às diferentes formas de trabalhar a palha, vão sendo criadas peças diferentes e adaptadas a outros contextos. Esta inovação que não descaracteriza a produção tradicional, pode também ser alvo de projetos em parceria entre designers e artesãs, no sentido de desenvolver produtos de estética contemporânea ou artística, mas sempre recorrendo à técnica de produção tradicional dos entrançados de palha. Atualmente, em Fafe, estão a ser desenvolvidos novos tipos de trança, nomeadamente quatro exemplares: trança de 13, entremeio de ondas, entremeio de bico e trança de repenique de seis palheiras. As novas criações não descaracterizam a tradição, pelo contrário, são provas da sua continuidade e evolução, ainda que mantenham sempre as técnicas e metodologias base da prática.

É importante, no futuro desta atividade, admitir a possibilidade de se abranger outro tipo de peças quer de âmbito funcional quer decorativo, introduzindo cruzamento com outros materiais e tecnologias, procurando melhor capacidade de adaptação e/ou utilização da fibra a outras manipulações e fins (moda, calçado, vestuário, acessórios, decoração, arquitetura, saúde, mobiliário, arte, etc.). Já se produzem objetos que contêm outros materiais para decoração das peças, tais como bordados de diversos tecidos, ráfia ou lã.

Deste modo:

- a admissibilidade da introdução de outras técnicas e formas de trabalhar os Entrançados de Palha de Fafe é uma possibilidade, desde que convivam com as tipologias mais tradicionais sempre em percentagem menor que aquelas;

- a introdução de outros suportes e o cruzamento de outros materiais são admitidos, também e desde que em proporção significativamente menor à intervenção em entrançados de palha, que deverá prevalecer em, pelo menos, 75% da peça;

- o tingimento da palha é permitido, não obstante à certificação mesmo que utilizado na totalidade da peça.

A certificação fica ainda e decisivamente condicionada à qualidade da execução das peças produzidas. Peças mal executadas ou em que a execução em entrançados de palha seja meramente decorativa e residual (não correspondendo às percentagens exigidas neste caderno de especificações) não serão passíveis de ser certificadas.



Imagem 31: Exemplos de inovação. Fonte: CLDS Fafe

Anexos



Imagem 32: Produtos e tipos de entrançados de palha. Fonte: CLDS Fafe

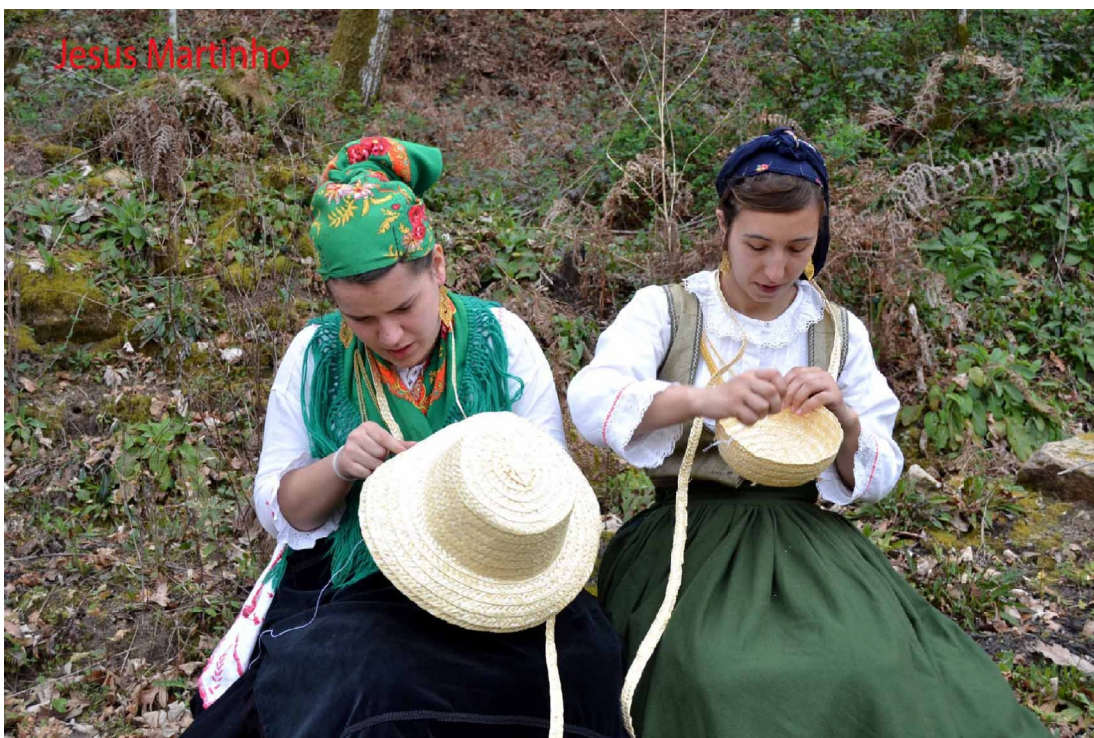


Imagem 33: Artesãs a manufaturarem produtos de palha. Fonte: Jesus Martinho



Imagem 34: Cortejo Etnográfico em Fafe em 2012. Fonte: Jesus Martinho



*Imagem 35: Artesã a trabalhar a trança.
Fonte: Jesus Martinho*



*Imagem 36: Artesã a trabalhar a trança.
Fonte: Jesus Martinho*



Imagem 37: Exemplos de produtos de palha. Fonte: Jesus Martinho



Imagem 38: Artesã na manufatura de um chapéu de palha. Fonte: Soledade Vaz



Imagem 39: Artesã na manufatura de um chapéu de palha. Fonte: Soledade Vaz



Imagem 40: Artesã com leque de entrançados. Fonte: Soledade Vaz



Imagem 41: Desfile de Vestidos de Palha em Travassós (2013). Fonte: Jesus Martinho



Imagem 42: Tapete de palha. Fonte: CLDS Fafe



Imagem 43: Candeeiro revestido a palha. Fonte: CLDS Fafe



Imagem 44: Carteira de Palha. Fonte: Sónia Rodrigues



Imagem 45: Caixa de Palha. Fonte: Sónia Rodrigues



Imagem 46: Pochetes de Palha. Fonte: Sónia Rodrigues

Bibliografia

AAVV. 1985. “Centeio”.Lexicoteca- Moderna Enciclopédia Universal. Lisboa. Circulo de Leitores. Vol. VII

AAVV. 1989. Catálogo Artesanato da Região Norte – traditional and contemporary crafts in northern Portugal.Porto. Instituto do Emprego e Formação Profissional Delegação Regional do Norte.

AAVV. S/D. “Cultura Material”.Enciclopédia Einaudi. Vol, XVI pág. 29

AAVV. S/D. “Técnica”. Enciclopédia Einaudi. Vol, XVI

AAVV.1991. “Europalia Portugal 91”.ART Populaire Portugal. Lisboa. Ministere de l’emploi et de la sécurité Sociale.

Coimbra, Artur Ferreira. 1997.Fafe – A Terra e a Memória. Fafe. Câmara Municipal de Fafe.

Coimbra, Artur Ferreira. Os Chapéus de Palha e Outros Artefactos. 1994. Fafe.

Costa, Zaida Gabriela Morais. Oliveira, Ermelinda Cândida Pereira. Silva, Lúcia de Jesus Oliveira. Ribeiro, Albano. “Levantamento artesanal e histórico de Golães”. 1981. Fafe.

Correia, Alberto. As Tranças de Palha como as Tranças da Vida. In: Idades Entrelaçadas: Formas e Memórias das Artes de Trabalhar Fibras Vegetais. 2013. IEFPP- Instituto do Emprego e Formação Profissional, I.P..

K. Pomian, “Colecção”, in Enciclopédia Einaudi, Vol. 1, Memoria-Historia, Lisboa, aincma, 1984, pp.51-86

Jornal “A Voz de Fafe”, edições de 26 de junho de 1937, 28 de agosto de 1937, 13 de novembro de 1937.

Oliveira, Américo Lopes. 1982. Fafe e o seu Concelho. Fafe. Câmara Municipal de Fafe.

Oliveira, Hernesto Veiga. 1972. Obra Geographica, 32,. Lisboa.

Pacheco, Helder. 1979. Artes e Tradições de Barcelos. Lisboa. Terra Livre

Pereira, Maria Palmira da Silva. 1952. “Contribuição para o estudo da Linguagem, Etnografia, e Folclore do Concelho” Separata da Revista Portuguesa de Filologia , Vols. III, IV E V // Coimbra // Casa do Castelo, Editora

Vaz, Maria Soledade. Memórias de Outros Tempos. 2018. Fafe: Associação Atriumemória.

Vieira, José Augusto. “O Minho Pittoresco”. 1886, V. 1, p. 577.

Webgrafia

<https://www.cm-fafe.pt>

<https://www.soldoave.pt>

<https://expressodefafe.pt>

<https://www.facebook.com/solfafe.clds>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_material